

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO



DISSERTAÇÃO

Luiz Kawall de Vasconcellos

Imagens que balizaram o professor que gosta do que faz:
trajetórias no ensino profissional

Pelotas, 2008

Luiz Kawall de Vasconcellos

**Imagens que balizaram o professor que gosta do
que faz:
trajetórias no ensino profissional**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação da
Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientadora: **Dr^a Lúcia Maria Vaz Peres**

Pelotas, 2008

Agradecendo

Aos professores que me ensinaram alguma coisa, bons ou maus, dos outros não me lembro.

Aos colegas de aula, da Formação Pedagógica e do Mestrado, e aos colegas e amigos do CEFET, com quem compartilho este trabalho.

A família sempre presente, permitindo um movimento de retorno ao cotidiano. Maria Luiza companheira e incentivadora, os filhos Pedro e Gabriela, Daniel e Lucas, e ainda à estrela iluminar esta navegação, a neta Laura.

Apesar da distância ficam aqui as boas lembranças, de minha mãe Celina, dos irmãos Tereza, Paulo e Marcos. Assim como as de meu primeiro professor... Seu Zé, meu pai.

Aos amigos de infância, juventude e do agora, com quem sempre pude trocar sonhos e alimentar esperanças. Uma referência especial ao Palilo, que se foi antes do derradeiro abraço.

Aos parceiros da Girafa Avoada desejo vôos cada vez mais enlevados. Já aos fantasiáticos componentes do Sequelados do Qui Suco, fica o devaneio de que tudo tudo me acontece, quando me acontece tudo.

O que dizer para Lúcia, orientadora amiga, que extraiu com maestria e magia, palavras de meus desenhos. Saudades desde já.

E aos alunos, homenagem especial, a todos sem exceção, pois são ao fim e ao cabo, a razão deste trabalho e, de minha atuação docente.

Resumo

VASCONCELLOS, Luiz Kawall. **Imagens que balizaram o professor que gosta do que faz: trajetórias no ensino profissional**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas

Esta investigação traz como problemática a necessidade de visibilizar as imagens presentes na trajetória do professor do Ensino Profissional que gosta do que faz, e que em função disso pode ter sido homenageado pelos seus alunos. Para tal pesquisei cinco colegas: duas mulheres e três homens, a fim de saber quais imagens subsumidas em sua trajetória, tem relação com sua prática. Eles são professores, como eu, do Ensino Profissional e Tecnológico do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, localizado no Rio Grande do Sul (CEFET-RS). À luz dos estudos teóricos do imaginário, do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), nasce esta dissertação. O foco da pesquisa está voltado para os estudos da Formação Docente, fundamentalmente, estudando a trajetória do professor que atua no ensino profissional. Para tal, construí uma metodologia fundamentada nos estudos do imaginário, a partir de duas modalidades, assim designadas por Gilbert Durand: conhecimento direto e conhecimento indireto. Na primeira utilizei entrevistas semi-estruturadas, já na segunda, utilizei cartas por mim desenhadas e (re)criadas para fazer emergir uma narrativa fomentada pela imagem, deixando fluir as representações dos professores pesquisados sobre suas práticas. A análise consistiu em procurar e tornar visível as **imagens** que instauraram o saber fazer e o saber ser. No imaginário dos cinco professores, aparecem figuras, símbolos e idéias que estão conectadas de forma indelével no seu trabalho, na atuação de cada um. As imagens balizadoras que emergiram foram as seguintes: **horizontes abertos, evolução e criação, prazer e culpa, acreditar no impossível e busca de transformação**. O percurso das problematizações contidas nesta dissertação, além dos já referidos, esteve ancorado em autores da área da Educação e da Formação Docente. Por último, cabe ressaltar que a minha história como pessoa e professor foi o mote detonador desta investigação, uma vez que minha trajetória é permeada de imagens sonhadas e desenhadas, as quais matriciaram minhas buscas, bem como despertaram minha curiosidade para empreender esta pesquisa.

Palavras chave: Formação Docente - Educação, Imaginário, Professor do Ensino Técnico e Profissional.

Abstract

VASCONCELLOS, Luiz Kawall. **Imagens que balizaram o professor que gosta do que faz: trajetórias no ensino profissional**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas

This investigation problematizes the necessity of recalling images which have been present during the life course of the educator who enjoys what he does and might have been paid tribute by his students for that. To do so, a research on five co-workers – two women and three men – has been accomplished by me, aiming to know what images under their life courses had been related to their practices. They are Professional Technology Education teachers of the Federal Department of Technology Education of Pelotas, located in the Brazilian state of Rio Grande do Sul (CEFET-RS). Lighted by theoretical studies of the Imaginary by the Imaginary, Education and Memory Study Group (GEPIEM), this dissertation is born. The research focuses on the studies of Teaching Formation, mainly on the life course of the educator who works on Professional Education. For that reason, I have built a methodology based on the studies of the Imaginary from two perspectives, named by Gilbert Durand as “direct knowledge” and “indirect knowledge”. In the first one, I have used semi-structuralized interviews, and in the second one, I have used cards designed by me, (re)created to emerge a narrative guided by the image, allowing the representations of the educators researched in their practices to flow. The analysis consisted in searching for and visualizing the images which have founded the being and doing knowledge. In the imaginary of the five educators, pictures, symbols and ideas clearly connected to their occupation and practices appear. The founding images emerged were the following: open horizons, evolution and creation, pleasure and guilt, believing the impossible and looking for change. The course of the problematizations included in this dissertation, besides the ones mentioned above, has been supported by authors who research on Education and Teacher Education. At last, it is relevant to point out that my story as a person and as a professor has been the timing bomb of this investigation, since my life course has been full of images dreamed of and drawn, which have founded my searchings as well as waken my curiosity to accomplish this research.

Keywords: Teacher Education - Education, Imaginary, Professor of Technician and Professional Education.

SUMÁRIO

Embarcando	7
INTENÇÕES & INTUIÇÕES...	
Carta Grafia	9
MEMÓRIAS & HISTÓRIAS...	
Escola da Vida	11
Infância	12
Juventude.....	13
Formação Profissional	15
Aprendiz de Artista	15
Aprendiz de Professor.....	22
Aprendiz de Cozinheiro.....	23
Professor de Ofício	27
Possibilidades da Oficina	33
CONCEPÇÕES & CONSTRUÇÕES...	
Está na mesa	36
Professor Educando	40
Formação Docente	41
Saberes do Professor	43
Categorizando	44
Comprometimento.....	45
Criatividade	47
Respeito ao conhecimento dos alunos	48
Reflexão	50
Contextualização	51
Formação Continuada	52
Afeto e Prazer	54
Representações do Imaginário	55
INVESTIGANDO & ANALISANDO...	
Colocando as cartas na mesa	59
Maneiras e modos	60
Cartas Grafadas	63
Entre Conversas	82
Degravando	84
Poucas escritas	84
Ajustando o foco da luneta	86
O baralho de cada um	95
FINALIZANDO & INCONCLUINDO...	
Aqui e agora	103
REFERENCIAL & MANANCIAL...	
Tripulação	107

ANEXOS

Anexo 1 - Instrumento das pesquisas	111
Anexo 2 - CD-Rom com a digitação das entrevistas e reprodução das cartas	112

INDICE DAS IMAGENS

Mapa de Navegação	8
Carta 1 – Estudantes	65
Carta 2 – Dama da Noite	66
Carta 3 – Rebeldia	68
Carta 4 – Temperança	70
Carta 5 – Mágico	71
Carta 6 – Sonho	73
Carta 7 – Gúrias	74
Carta 8 – Princesa	76
Carta 9 – Sala de Aula	77
Carta 10 – Singularidades	79
Carta 11 – Sabedoria	80
Carta 12 – Sorriso	81

Embarcando

Joquim, ... Joquim... nau da loucura, no mar de idéias...¹

O mapa incluso ajuda a dar um vislumbre sobre esta dissertação, permite singrar pelos mares e portos onde fui arrecadando e trazendo para bordo as bagagens, ingredientes e utensílios, conceitos e idéias, histórias e trajetos...

Início pelas intenções, a busca, através de narrativas e imagens de professores que sentem prazer no seu fazer, fundamentado pelas vontades e pelas intuições que me trouxeram a este local.

Después vou viajar no tempo e buscar na memória a minha trajetória, de estudante, juntar retalhos de uma juventude intensa, e descrever a minha caminhada profissional, do aprender, do saber e do fazer, nas três instâncias que atuo: artes gráficas, educação e culinária.

O foco vai se concentrando na profissão professor, quando abordo as concepções e construções que guiaram minha prática docente. Falo sobre minha atividade de educador antes e depois de ter feito minha qualificação para a docência.

Com a ajuda dos autores, referencio minha prática e explico como me constituí professor. Passando então à descrição das características que entendo serem importantes para as atividades em sala de aula.

Aqui as representações do imaginário embarcam nesta jornada, para orientar a navegação pelas águas revoltas, plenas de imagens e símbolos pelos e nos quais fui matriciado.

Parto para a elucidação das maneiras e modos pelos quais pretendo levar a diante esta investigação. Para então desenvolver a análise das vozes e escritas dos colegas selecionados.

Atraco para inconcluir e descarregar as considerações e impressões que esta dissertação provocou e instaurou.

¹ Trecho da canção “Joquim” extraído do álbum Tango (1987) de Vitor Ramil, músico e compositor pelotense, que navega pelo imaginário da estética do frio.



APR · eN · DiZ

ARTISTA
desenhista

PROFESSOR

esCre Ver

trAnsFormar

COZINHElRO.

CarTA.GraFia.
LUIZ · MINDUM.

PROFESSOR
EdUCAnDo.



OfiCINa

FORMAÇÃO
PROFISSIONAL

JuvEntude

InfâNcia

ESCOLA
Da ViDA

Mar · das · IdeiAs

FORM · AÇÃO
DOCEnte



SABerEs · do
PROFesSoR

IMaGIN · ÁRIO

MeTODOL.
OGiA

NaU.
da.
LouCuRa



Ana · Li se

INTENÇÕES & INTUIÇÕES

Carta Grafia

Esta investigação pretende visibilizar as imagens presentes na trajetória do **professor que gosta do que faz**, dos professores que “matriciaram” o fazer deles em uma ocupação do mundo do trabalho. Minha pergunta é: - **Será que as imagens subsumidas em suas trajetórias tem relação com o que fazem na sua prática?** Ela está localizada no campo dos estudos do imaginário, voltado à formação do professor. Usei como referenciais teóricos a “pedagogia simbólica” (PERES, 1999) com o intuito de sobre-revelar parte do conhecimento submerso num imaginário, através de palavras e imagens apresentadas por estes professores.

Para tal, utilizei entrevistas semi-estruturada e de apresentação de imagens provocativas para desvelar algumas representações do imaginário dos meus colegas professores. Investiguei cinco professores. Foram selecionados três homens e duas mulheres. Por isso, ao longo do texto vou referir-me à professores, no masculino. Cada um deles oriundo de um curso diferente: Informática, Telecomunicações, Mecânica, Eletrônica e Design. Todos são professores do ensino técnico profissional, lotados no Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas. O critério de escolha destes professores foi ter concluído o Programa Especial de Formação Pedagógica do CEFET-RS² entre 1999/2005 e que, como eu, posteriormente, foram homenageados pelos formandos.

A análise procurou, a partir dos instrumentos utilizados, desvelar como estas histórias e imagens estão relacionadas com o saber, o ser e o saber fazer dos pesquisados. Nesse sentido, busquei a partir das representações do imaginário deles, usando o que estou chamando de “cartas grafadas”, pistas da trilha imagética que foram constituindo a prática pedagógica cotidiana.

² Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo da Educação Profissional do Nível Técnico do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas. Curso específico para qualificar professores para o Ensino Profissional de nível médio, o certificado equivale a uma Licenciatura.

Além disso, vou alicerçar as minhas idéias sobre a docência, a partir de autores que investigam o professor e seus “saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 1996), além do “professor que gosta do que faz” (CUNHA, 1989), e dos que assumem a “boniteza de ser professor” (GADOTTI, 2002).

Minha **trajestória**³ me remete a espaços repletos de imagens sonhadas e desenhadas, manancial das minhas buscas. Desperta a curiosidade de tentar ver, agora como mestrando, com “alheios olhos”, como as imagens e as representações, afetaram ou instauraram as trajetórias dos professores interlocutores da minha pesquisa.

Por isso justifico este modo de entrada e de foco na realização desta pesquisa, fundeado no Grupo de Estudos e pesquisa sobre o Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM).

³ As histórias da trajetória, narradas e escritas, rememoradas e revividas. Acostumado com a representação gráfica, sinto, muitas vezes, necessidade de redesenhar novos termos para ampliar significados e atrair o leitor.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Escola da Vida

Nasci em São Paulo, capital em 1952. Família típica de classe média, Seu Zé, pai presente, que trabalhava em casa criando cachorros e depois canários e aves diversas, ele era muito prático e objetivo e sempre cercado de amigos. Minha mãe, Celina, teve sua origem em família abastada, estudou em colégio de freira, cultura e boa educação, sabia inglês e sempre desenhou muito bem.

Sou o mais velho de quatro irmãos, vivíamos em uma casa ampla, em um bairro tranquilo. As brincadeiras eram no quintal, e também na rua, com as crianças dos arredores. Pandorga, bolinha de gude, pião, esconde-esconde, futebol e taco. No meio do ano fogueira na rua de chão batido e enormes balões executados pelos vizinhos de origem italiana.

Todo santo domingo íamos para casa da Vó Marieta no Volvo azul desbotado do Seu Zé. Era a minha Disneylândia particular. Primos e primas, brinquedos e brincadeiras, espaços por explorar, muita arte e travessura por fazer... estar criança. Intrigante como, agora já com cabelos branqueando, esta criança se reinstaura e seguidamente pega na minha mão e me convida para brincar.

Dois tios eram meus ídolos: Luis Ernesto (tio Bica), jornalista e folclorista e tio Kleber médico mineiro muito gozador. Os dois eram muito brincalhões e nos incentivavam a prática da “arte grossa”, da “travessura”, e que hoje os percebo como padrinhos da minha irreverência, rebeldia, e criatividade.

Também gostava muito e tinha facilidade de desenhar. Incentivado pela minha mãe, estava sempre rabiscando com o prazer de preencher uma folha em branco (até hoje), numa tentativa incessante de esvaziar o lápis, com as coisas da imaginação e do coração.

Infância

Nessa época, como as pré-escolas eram raras, entrei direto no pré-primário. Com sete anos estava na primeira série. A escola era ligada à paróquia do bairro, Escola Nossa Senhora de Fátima, mas os padres não davam aulas, exceto algumas de Religião, também cuidavam da disciplina. Minhas lembranças da época remetem ao gosto pela leitura, aulas de francês, com um belo livro ilustrado de capa vermelha com ilustrações coloridas. Ficava impressionado com desenhos caprichados feitos a giz pelas professoras, acho que me sentia desafiado a conseguir, um dia, ser capaz de desenhar... ou quem sabe de ser professor.

Há pouco tempo me lembrei da cartilha “Caminho Suave” onde o método audiovisual era a base do ligar o símbolo à imagem, sílabas aos sons, palavras às frases... “a tia é viúva, vai até a mata”.

Freqüentava a sacristia e como coroinha ajudava a missa que era rezada em latim e, escondido, tomava, às vezes, um gole de vinho doce dos padres... travessura. Poucas recordações da sala de aula, brincar e conhecer outras crianças era a atividade principal. Como muitos alunos, as recordações mais marcantes são as da hora do recreio.

Para entrar no então Ginásio fiz um ano de admissão, outrora 5ª série, e entrei para o Colégio Estadual Antonio Alves Cruz. Coleguismo e espaços mais amplos e diversos são as lembranças dessa época. Gostava de ler, tinha muitos livros em casa, li quase toda a coleção de Monteiro Lobato... viajava no mundo mágico do Sítio do Pica-pau Amarelo.

O ginásio em escola pública foi momento de transição, de alguma independência, de conhecer pessoas de outros lugares, as conversas passam a ser sobre pessoas e idéias. As disciplinas bem demarcadas, mostram uma plêiade de professores com personalidades e comportamento singulares. Ainda não tinha certeza se gostava de matemática ou da professora de óculos grandes, se não entendia nada de Química ou se o professor é que era um chato. Creio que este tipo de dúvida acompanha alunos de todos os lugares por um tempo expressivo.

Juventude

No segundo grau optei por Ciências Humanas. Fui transferido, por mau comportamento típica da adolescência, para o turno da noite. Momento importante, pois tomei contato com gente mais madura, que trabalhava e se virava. Primeiro contato com o mundo do trabalho, apesar de ajudar meu pai na sua criação de passarinhos. Escola vivida!

Um incentivo marcante aconteceu no colegial: **Dona Adélia**, professora de Português, me desafiou a escrever sem o peso da gramática e de maneira direta e coloquial, que se tornou um diferencial na maneira de me expressar e de escrever. Começo aos poucos a escrever a partir das minhas falas, usando um registro coloquial, à procura da autenticidade e visão crítica. A perda do trauma de escrever se estabelece facilitando botar no papel o que estou pensando... é bom perder medo de alguma coisa. A escrita começa a assumir os contornos do desenhar que sempre foi a minha principal forma de expressão.

Recordo da rebeldia característica da época aliada às dúvidas e descrenças. Era um aluno crítico e não tinha vergonha de perguntar ou questionar. Rubem Alves (2003) disse que *maus alunos se tornaram bons professores*.

Longe de concluir que o caminho para o sucesso é ser “mau aluno”. Eu e outros ditos **maus alunos**⁴, não tínhamos paciência para coisas que os professores faziam de conta que ensinavam. Mas, mesmo na era pré internet, estávamos conectados com outras linguagens que nos apaixonavam. E fomos atrás delas... Lembro com carinho deste período da minha caminhada neste mundão, adolescente rebelde. Primeiro o movimento da Jovem Guarda e depois, era tido como hippie: cabelão comprido, adereços, roupas coloridas e muito *rock’n roll*.

Hoje, entendo que esta vivência de desafio ao socialmente estabelecido fortaleceu minhas posições políticas e incentivou o gosto pelo debate e o exercício do pensamento divergente.

⁴ Na época era só mau aluno, rebelde e contestador, daí vir à ser um bom professor é uma outra (longa) história, que estou a desvelar nesta investigação, embora não seja eu o sujeito dessa pesquisa. Com certeza implicado nesta busca.

Paralelo ao 2º grau, com apoio de meus pais, ingresso na Escola Panamericana de Artes, até hoje referência no ensino de desenho profissionalizante, na cidade de São Paulo. Fiz os cursos de Desenho Artístico e Publicitário.

Em seguida comecei a fazer “bicos” usando lápis, papel e tinta. Fiz estágios e trabalhei em agências de Propaganda e, como *free-lancer* em casa. A ocupação/profissão de artista gráfico despontou com naturalidade, sem os questionamentos comuns vocacionais da idade.

Uma (re)localização foi fundante na minha trajetória: a mudança para o **Porão**, que se traduziu em um momento particularmente especial de independência.

Éramos quatro irmãos: eu mais velho; Tereza tinha um quarto só para ela; o outro eu dividia com Paulo e Marcos. Debaixo da sala de jantar de nossa casa, havia um porão, onde eram guardadas as *coisas que já foram coisas*⁵. Fiz uma boa arrumação, uma bela “guaribada”, e me mudei, de cama e prancheta. A decoração era avançada, desenhos e *posters* psicodélicos. As vigas do teto, pintadas de branco, era onde os visitantes assinavam ou grafitavam suas impressões. O amigo Newton escreveu: “quem manqueja de suas influências, cedo tardará”, uma espécie de lema do clima de subjetividade criativa que nos embalava. Com o tempo o local virou ponto de encontro para se escutar músicas diretamente da cena inglesa do rock, namorar sossegado, e também de saída para as “barcas” semanais com destino a Ubatuba no litoral norte de São Paulo.

Juventude instaurada pela intensidade das intenções, sinais de fumaça, símbolos da palavra que não perdura, se transforma e se eleva, possibilita o contato com o que está dentro, com o que está sendo sonhado e com o que pode ser vivido.

⁵ Meu colega do grupo de pesquisa Deonir Kurek está escrevendo uma tese onde a figura da despensa é objeto de estudos, ou será que os objetos da despensa é que seriam figuras dos estudos?

Formação profissional

Aprendiz de Artista

Minha percepção de mundo, desde que me recordo, foi através das impressões visuais, as imagens sempre foram meu referencial de pensamento e conhecimento. A memória⁶ é organizada em telas estáticas ou resumos de seqüências, lembranças de sensações e descobertas, vislumbres que remontam as peças do meu passado (deste e de outros mundos) nas possibilidades de futuro a cada momento...

Josso (2002) nos traz os conceitos de “experiência formadora”, “aprendizagem experiencial” e “recordações-referências”, e o que estou tentando dizer passa pelo entendimento de que:

as recordações-referências são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. (...) significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores. (p. 29).

Palavras, textos, nomes, letras de música e poesias, não estão na “zona de conforto” da minha memória, que acredito ainda com bastante folga no prazo de validade.

Mesmo assim, devorava (sempre a comida!) livros de histórias desde os primeiros contatos com a língua escrita. A avidez deve ter sido estimulada pelos livros infantis repletos de ilustrações vistosas e sedutoras que minha mãe nos proporcionava. Como todo mundo, penso, gostava de livros com figuras, muitas figuras. Lembro muito dos desenhos à bico de pena de Manoel Victor Filho⁷ nos livros do **Sítio do Picapau Amarelo** de Monteiro Lobato. Os desenhos descortinavam cenários e situações. Achava a Emilia meio chatinha, valia pelo pó de “pirlimpimpim” e as viagens pelo tempo espaço, meu

⁶ **me.mó.ria** s. f. 1. Faculdade de conservar ou readquirir idéias ou imagens. 2. Lembrança, reminiscência. 3. Monumento para comemorar os feitos de alguma pessoa ilustre, ou algum sucesso notável. 4. Apontamento para lembrança. 5. Memorial. 6. Dissertação científica ou literária, para uma academia ou para publicação na imprensa. 7. Aquilo que serve de lembrança; vestígio. S. f. pl. Narrações escritas por testemunhas pessoais. Dicionário Michaelis.

⁷ De origem argentina, foi meu professor de desenho na Escola Panamericana de Arte em São Paulo, anos 60.

personagem preferido era o **Visconde de Sabugosa**, com seu aspecto de intelectual abichornado⁸, numa ridícula e hilária espiga de milho. Era o protótipo do professor sabe tudo, repleto de filosofias, teorias e frases de efeito. Contudo, um desajeitado para as coisas do fazer... daria bom material para uma dissertação.

Lobato foi também o primeiro a alargar as fronteiras do meu quintal, fui transportado pelo herói grego **Hércules** nos dois tomos dos “Trabalhos de Hércules”. A Grécia do Olimpo com seus deuses e deusas, mitos, filosofias e odisséias, histórias fantásticas de poetas, guerra e heróis, foram incorporados ao meu imaginário de forma indelével.

Ultrapassada a fase das calças curtas, me iniciei nas revistas em quadrinhos, os gibis. Essa iniciação no envolvimento com universo paralelo que me acompanhou por mais de 30 anos. Comecei lendo Pato Donald, Mickey, sem esquecer do gênio criativo do **prof. Pardal** (outro personagem professor) e seu intrépido ajudante Lampadinha.

Nesta linha vieram o **Príncipe Valente**, cavaleiro da Idade Média, bom moço, heróico e feliz. O desenho Harold Foster era muito bem cuidado e caprichado, passei a ter um olhar também para as técnicas, os planos, detalhes e sequência, até por estar engatinhando nos saberes/fazeres de desenhador.

Nesta época, acreditem ou não, usava um anel com uma caveira, que era a marca registrada do personagem **Fantasma**, o espírito que anda, um tipo Tarzan de máscara, todavia com todo um mundo de mistérios... naufrágio, caverna secreta, pigmeus ferozes, vida reclusa, altruísmo e tudo mais.

Das profundezas do espaço (outra fronteira aberta), o famoso Super Man, com todo o peso dominador e positivista do pós guerra americano. Para mim ficou a localização de outro espaço, o da ficção científica, tema que sempre me seduziu.

Um pouco de Flash Gordon aqui, um Dick Tracy acolá, O **Spirit** de Will Weisner era também figura requisitada. Comprava a MAD americana, que apesar do humor pobre dos EUA, ajudou muito no meu inglês.

⁸ Termo usado pelos gaúchos, fica entre o macambúzio e o tristonho.

Por falar em inglês, uma má tradução gerou meu apelido, Charles Schultz criou e distribuiu para o mundo a tira Peanuts, com o **Charlie Brown**, Snoopy e sua patota. No Brasil, o nome da tira foi dado erroneamente ao protagonista, o **Minduí**. Como me achavam parecido com ele, não sei se pela timidez, pelas pernas curtas ou pelo cabeção, o apelido pegou, virou identidade. E às vezes me pego devaneando se não seria esta minha vida real... desenhado no papel, até porque a meta-realidade sempre foi um prato cheio para roteiristas e desenhistas de H.Q., pois neste universo vale a afirmação: - **O papel aceita tudo!**

Lia muito também, romances, policiais, ocultismo e esotéricos. Vamos simplificar: lia tudo, e continuo lendo, que estivesse/está ao alcance dos meus olhos. E as imagens vinham com facilidade, brotavam sem muito adubo, ocupando espaços, ampliando horizontes... daí minha necessidade de estar sempre desenhando, para liberar memória para outras jornadas imagéticas.

Os quadrinhos para adultos, ou *underground* como também são conhecidos, viraram mania na Europa e EUA.

A seqüência precisa de tempo é complicada de resgatar, mas também lia e vibrava com **Tintin** e **Asterix**, pelos quais sou apaixonado, bem como a **Mafalda** do argentino Quino, mas também dos cartunistas brasileiro, a maioria influenciada pelos mestres do **Pasquim**⁹: Ziraldo, Jaguar, Claudius e o imortal **Henfil**. O desenho, a ilustração, o cartum político e a charge que desvenda com humor o cotidiano começam a ser representações respeitadas de comunicação e cultura.

Com todo este mundo imaginário e pleno de conceitos, idéias, tendências artísticas e porque não dizer, muita “piração”, como bagagem, entro para o curso de Comunicação Visual na FAAP¹⁰, no início dos anos 70, concomitante com a ditadura militar.

Foi período (outro!) importante em que mergulhei no universo colorido do saber artístico, pictórico e visual, da imagem, dos símbolos, estilos e

⁹ Jornal carioca que passou, através do humor sarcástico, praticamente incólume pela censura da Revolução de 1964.

¹⁰ Fundação Armando Álvares Penteado em São Paulo. Localizada no bairro de Higienópolis, é uma das instituições de ensino mais tradicionais e respeitadas da capital paulista.

técnicas. Participei do Jovem Arte Contemporânea no MAC¹¹, uma mostra original onde as propostas eram performances de grupos, nada de arte convencional dependurada na parede. Fiz estágio como fotógrafo do jornal O Estado de São Paulo (Estadão), em contato direto com a redação de um grande periódico.

Aprendi bastante com a História da Arte, foi fundamental conhecer e entender outras épocas, idéias e interpretações das diversas culturas. Base para fazer arte, desenhar e pintar com mais intensidade, e arrebatamento, agora baseado em teorias, conceitos, outros trajetos e lugares. Consegui formar um quadro mais nítido do que se fez e do que se fazia no mundo das artes da imagem.

Mergulhei fundo nos movimentos artísticos da arte Moderna, do início do século XX, como Impressionismo, Expressionismo, Cubismo, e outras escolas que balizaram e até hoje influenciam as artes plásticas.

Edgar Degas, Edouard Manet, Claude Monet, Camille Pissarro, impressionistas faziam uso da luz na pintura como forma de capturar a vida como vista pelos olhos humanos

Porém o impressionismo ainda não está mergulhando nas águas profundas do imaginário, sua importância maior é a quebra do paradigma da representação fiel, do rigor da técnica pictórica, o artista vai soltando a mão, e por via de consequência, abrindo as janelas dos sótãos, liberando repertórios simbólicos e espanando sonhos e insônias.

Outros “ismos” vão sendo criados a partir de influências dos expoentes como Van Gogh, que vai balizar o expressionismo e sua força emocional, Cézanne que vai sintetizando as formas da natureza dá origem ao Cubismo (que repensa o espaço bidimensional e sua relação com o espaço tridimensional) que deságua forte em Picasso, Gauguin e sua temática do pacífico é referência dos *fauves*¹², e tantos outros.

É de Picasso, célebre artista espanhol, um mito das telas e pincéis do século XX, a frase:

- Pinto as coisas, não com as vejo, mas como as sinto.

¹¹ Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

¹² Estilo também Conhecido como pintura ingênua.

Mas logo me identifico também com o Surrealismo, de Dali e de Magritte.

Apesar de comumente classificado como uma forma de arte moderna, os próprios surrealistas se propuseram o estudo do surrealismo como uma nova era na história da arte, dizendo que aquela noção simplificava demasiadamente a complexidade do movimento (que não deveria ser um movimento artístico), não mostraria adequadamente a relação do surrealismo com a estética e falsamente o caracterizaria como um movimento restrito a um determinado período. Os surrealistas estavam preocupados com a escrita automática do ser humano, reveladora de seu subconsciente. A teoria amplamente difundida do surrealismo, como colocada no Manifesto de André Breton (1924) e também como dominante nos manuais de introdução, o relaciona com o sonho, o inconsciente, talvez até com os arquétipos de Jung, que, nas colagens e na escrita automática, teriam encontrado sua linguagem constituída de imagens e enfim liberta de relação com o "eu" consciente.

No mesmo manifesto, Breton define Surrealismo: "Automatismo psíquico pelo qual alguém se propõe a exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento".

Percebo agora que ao me envolver com a História da Arte, estava no auge do entendimento sobre o prático e teórico, do saber e do fazer, mas fundamentalmente da consciência de ser capaz de produzir, de visibilizar minhas viagens pelo mundo da memória, dos arquétipos, dos símbolos e das insônias¹³, num envolvimento total com a criação e pincéis, tintas, papéis e telas.

Mais ainda, consigo conectar/compactuar estes caminhos percorridos, onde criação e a "imaginação simbólica" (DURAND, 1993)¹⁴ estão imbricadas, com as teorias que recorro para fundamentar esta dissertação. Toda esta bagagem desvela possibilidades para construir uma metodologia para esta pesquisa.

¹³ A insônia é para mim um estado alterado da realidade, fica entre o dormindo e o acordado, caracteriza-se por momentos de pseudo lucidez durante o sono. Não raro se vê o inconsciente coletivo em altivos embates com a cultura cotidiana. Também ousou acreditar que a insônia sejam acordadelas do dragão que hiberna em muitos de nós.

¹⁴ Imaginação Simbólica propriamente dita quando o significado não é de modo algum apresentável e o signo só pode referir-se a um sentido e não a uma coisa em "carne e osso".

Retomando a narrativa... abandonei o Curso de Comunicação Visual, pois não gostava de algumas matérias, me incomodava com temas que não tinham conexão direta com minhas convicções, vivências e sonhos. Fiquei desapontado com a escola descontextualizada e mercantilista.

Me associei ao estúdio chamado **Histeria Coletiva**, onde ilustradores, redatores e fotógrafos, produziam material para as agências de propaganda. Lá sedimentei a qualidade dos meus saberes e fazeres com a experiência de outros profissionais mais tarimbados. Era um lugar mágico, colorido pelas tintas e pela camaradagem. Lá todos **gostavam do que faziam**, que acredito ser condição para se apropriar da **criatividade** como ferramenta de trabalho.

A vida poluída e congestionada na cidade grande não me agradava, viajava, com a parceria, quase todos os fins de semana para Ubatuba, na época um paraíso intocado, onde a natureza, a mata, o mar, cachoeiras eram o cenário. Comecei a pensar em sair da capital, apesar de estar trabalhando, evoluindo e fazendo o que gostava.

Nos primeiros dias do ano de 1977, depois de várias indecisões e muita reflexão ativa, resolvi levar minha canastra, meus pincéis, minhas idéias, meus sonhos e, alguns poucos pesadelos, para a pacata Pelotas, terra de meu pai, e onde tinha alguns familiares e amigos. Procurava horizontes mais arejados e mais próximos da realidade brasileira. Fui morar em uma pensão de estudantes, perto dos Bombeiros. Foi a minha primeira mudança a valer: sair da casa dos pais, onde fui criado... fim das mordomias (cama, mesa e roupa lavada) e também da referência de lar, sem o aconchego de um lugar para retornar... da família. Mas apesar de tudo existiu a magia de poder de retro-olhar para isto tudo, a jornada do auto conhecimento e, melhor, de estar me sentindo, pela primeira vez dono do meu nariz. Bons tempos que insistem em pregar peças na minha memória afetiva...

Estes primeiros anos aqui em Pelotas foram muito fecundos e produtivos. Desenhava e pintava diariamente, no ateliê instalado no quarto de pensão. Dormia e acordava, literalmente, no meio de pincéis, telas, papel, tintas, livros e gibis. Foi uma fase muito produtiva como artista plástico, com

essa produção participei de exposições importantes, em Pelotas, São Paulo e outras cidades¹⁵.

O auge foi uma exposição individual no Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 1979, perseguindo a temática **Identidade Brasileira**, que até hoje me motiva e fascina.

Não tinha mais intenção de fazer uma graduação, afinal para artista não se pede diploma. Todavia professores do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas me incentivaram a fazer o curso de artes, para poder, após, lá dar aulas. O empurrão mesmo foi o da saudade da sala de aula. Depois de muitos questionamentos, com a falta de contato do curso como mundo do trabalho e das artes, me formei **Bacharel em Pintura**.

Aqui um recorte extra temporal. Como nada é por acaso, me envolvo com uma colega, a pelotense e professora de artes Maria Luiza Azevedo. Casamento, primeiro filho, casa, essas coisas sem as quais o ser humano não vive/sobrevive.

Para melhorar o orçamento me envolvo com trabalhos de publicidade, ramo que tinha algumas experiências trazidas de São Paulo.

Em 1983 entrei para a **Prefeitura**, com o então prefeito Bernardo de Souza, ajudei a criar a Fenadoce, cuidei do Carnaval, organizei eventos e campanhas comunitárias como a do Orçamento Participativo. Fiz parte do extinto CONPHIC, (Conselho do Patrimônio Histórico)¹⁶, que na época foi responsável pelo tombamento de vários prédios históricos da cidade. Essas experiências me colocaram em contato com as atividades ligadas ao cidadão e da cidadania.

Meus desenhos e quadros últimos são desta época... o artista vai se acomodando no professor ao natural. Pois então... em 1987 sou convidado a trabalhar na então Escola Técnica Federal de Pelotas, mas esta história fica para daqui algumas páginas.

¹⁵ 1972 – Salão Jovem Arte Contemporânea no Museu de Arte Contemporânea – SP
1979 – Exposição Individual “Identidade Brasileira” no Museu de Arte de São Paulo – MASP
1984 - Exposição Individual “Cotidia Na Mente” na Galeria Municipal de Arte de Pelotas – RS
1986 – Mostra do Desenho Brasileiro – Curitiba – PR
1987 - Exposição Individual “Insólito Brasileiro” no Centro Cultural São Paulo – SP
¹⁶ Hoje, mais de vinte depois, sou conselheiro do Conselho Municipal de Cultura.

Aprendiz de Professor

A preparação para o magistério (ainda vou descobrir porque implico com esta palavra) é balizada pelo ingresso no curso de Comunicação Visual da FAAP, para tal fiz um curso preparatório específico. Ali conheço o **professor Eddy**, ou melhor, Auresnede Pires Stephan. Descobri nele o melhor professor com quem já tive oportunidade de conviver e aprender. Paixão pela profissão, aliada à intuição e ao domínio de conteúdo, nos propiciava aulas inesquecíveis. Cumplicidade com os alunos poderia ser uma boa definição de atuação do “mestre” Eddy.

Esse mesmo professor também dava aulas no curso de Comunicação Visual (o termo design era pouco usado). Participei, junto com ele, já como aluno da FAAP, da **Jovem Arte Contemporânea** de 1972, marco das artes das instalações e *performances* no Brasil. E ainda com um grupo de professores e alunos, ganhamos o 1º Prêmio do **Concurso Lúcio Meira** no Salão do Automóvel com o projeto de um Trailer de Turismo.

Para minha surpresa, o Eddy me convidou para ser seu assistente na disciplina de composição no cursinho preparatório o curso da FAAP. Creio que este simpático mestre, sempre disposto e disponível, possa ser um dos modelos que tenho perseguido nas salas de aula que tenho atuado.

Considero essa experiência como pedra fundamental da minha carreira de professor. Fiquei espantado e lisonjeado e até hoje não entendi direito o porquê do convite. Foi gratificante poder trabalhar ao lado de um professor que realmente conseguia nos mobilizar e nos encantar, através do domínio dos temas, carisma e respeito aos saberes dos alunos. Minha memória não reproduz mais o quadro exato, apenas a clareza de não ter receio de enfrentar uma sala de aula.

Ainda aluno, fui convidado para dar aulas de fotografia no 2º grau do **Colégio Rainha da Paz**, uma escola com uma pedagogia moderna, inovadora e destinada aos filhos de profissionais liberais. Foram apenas três meses, mas uma experiência muito importante. Lembro de ter participado de um conselho de classe muito elucidativo e bem organizado, onde cada aluno foi tratado individualmente. Ainda hoje é difícil se encontrar tal nível de envolvimento escola-professor-aluno e um projeto político pedagógico colocado em prática.

Ainda dei algumas poucas aulas de desenho para um curso chique de Decoração, e só retomo em Pelotas, onde abri um curso de desenho denominado **Artifício** = Arte como Ofício, onde ministrava aulas de desenho e artes gráficas e para desenhar e pintar... durou um ano.

E o professor que trazia comigo, seguia espreitando, rodeando como se diz, volta e meia se apresentava, mesclado aos meus fazeres artísticos. Penso agora, em sincronicidade, quando tento entender este professor que insiste em me “visitar”, a partir de Jung (2004)

...Emprego, pois, aqui, o conceito geral de sincronicidade, no sentido especial de coincidência, no tempo, de dois ou vários eventos, sem relação causal mas com mesmo conteúdo significativo (p.67).

Que tal interromper um pouco este papo, e ir tomar um mate na cozinha, quem sabe clarear minha memória com as imagens que busco...

Aprendiz de Cozinheiro

Desde que me entendo como gente, como ser social, lembro da importância que as refeições, o ato de comer, tinham no meu cotidiano. Sempre atento às possibilidades de merenda do colégio, ansioso pela à hora do almoço e lanches da tarde. Todavia curioso em saber o que estava comendo e como fora preparado.

Fui criado pelo célebre trivial variado, sem muitos enfeites e pirotecnias culinárias, cardápio típico de uma família de classe média. Minha mãe, Celina, não era dessas “cozinheiras de mão cheia”, mas sabia fazer os pratos e orientar as assistentes domésticas, com competência e bom gosto.

Agora, remexendo neste sótão de boas recordações, resgato a significância da hora do lanche na grande mesa da copa da casa da Vó Marieta, das guloseimas, do guaraná caçula, da disciplina imposta por mães e tias e alguma prima mais velha metida. Lavar as mãos, se comportar, boca fechada... “comer bem direitinho”.

Outro momento marcante na minha trilha gastronômica foi aos oito anos “um homenzinho”, quando pude ascender à sala de jantar e poder comer

com os “mais velhos”. Não me é difícil de visualizar este rito de passagem, onde a formalidade, da mesa bem posta, louças e talheres reluzentes, toalha grande e imaculada, guardanapo de pano no joelho. Não era um luxo, mas tinha lá sua pompa e circunstância. Contudo, passado o “susto ambiental”, minhas antenas se dirigiram para as novidades culinárias, temperos como *curry* e azeite de oliva são desta época. Iniciação às novas possibilidades do bem comer.

As lembranças mais potentes são das idas à feira nas quintas, com minha mãe, onde tomei contato visual, olfativo, tátil e sonoro¹⁷ com os ingredientes. O ponto alto da feira era a banca de queijos, massas frescas, conservas e... azeitonas. Variedade com diversos matizes, tamanhos e origens em tonéis de madeira. Era um privilégio poder provar, escolher e levar um saquinho com o prêmio. Minha mãe, também fã das olivas, dizia: “As pessoas que gostam de azeitonas são perspicazes”. Nunca soube a origem da expressão, mas assimilei o significado. Até hoje a excursão à feira de sacola na mão, é um dos meus “esportes” favoritos, fonte de inspiração para alquimia da cozinha.

De meu pai – Seu Zé - também recorro das idas eventuais, com a família, à pizzaria Tarantella, primeiras incursões ao mundo dos restaurantes, do comer fora. Ficava fascinado, queria dar fé de tudo, ver os *pizzaíolos* e sua destreza no preparo das pizzas, poder provar outros sabores... curtir novas sensações.

No tempo da “Jovem Guarda”, as noites de sábado, quando não tinha alguma “festinha de embalo”, eram dedicadas à caça de restaurantes de comida temática como a chinesa, árabe, italiana dentre tantas e alguns botecos descolados. Este programa é retomado sempre que vou à Sampa.

Uma fama me acompanhava: era a de provador oficial de pastéis, croquetes, frituras, queijos, conservas, tudo que não se pode, mas que é bom demais. Este tipo de comida é muito bem definido pela colunista e escritora de fazeres e saberes culinários de Nina Horta (1995):

Comida perversa é aquela que você come sabendo que é

¹⁷ Enxergo-me na cena do protagonista do filme “Tempero da Vida”, sacudindo uma berinjela.

brega e que faz mal. É autodestrutiva e gostosa. Está fincada no imaginário, mata a profunda fome vulgar de cada um. É mais encontrada em botequins, padarias, nas lembranças de infância, em feiras, na rua (p. 39).

Já em Pelotas, a doutrinação campeira me desvela o planeta **churrasco**. Sou apresentado à churrascos de todos os calibres, metodologias e componentes, sempre com o assador como gênero catalisador do processo. Coisa de homem, dizem. Vejam só, tive a sorte, ou como nada é por acaso, de ter conhecido, apreciado e aprendido em churrascos perpetrados por autênticos e experientes assadores gaúchos.

Deles o mais importante foi meu sogro, o Hybirá, alma gaudéria criada a campo, sabia fazer um churrasco como poucos. Capaz de matar, carnear e retalhar o ingrediente protagonista, e ter no currículo incontáveis manadas de ovinos e bovinos, muito bem assados. Contador de causos, mestre da “balaca” e do bom humor, transformava os churrascos em eventos onde a confraternização era a tônica. Eu curioso incurável prestava muita atenção, no fogo, nos espetos e grelhas, nos tipos de faca e de como afiar, nos tipos e cortes de carne, salmoura e principalmente do ponto de servir cada carne.

Esta atitude comparo com retro-alimentação *-feedback-*, um olho no de comer e outro no de como fazer. Mais uma vez percebo como é importante aprender a fazer algo que se aprecia, que é significativa, melhor ainda, com a qual se sente prazer. E o **fazer com prazer** é o que tentei descobrir ao entrevistar outros professores que, como eu, se formaram no Curso de Formação Pedagógica do CEFET.

Retomando à culinária... começo a arriscar algum “churrasquito” caseiro, primeiro enfrentamento mais objetivo com o ato de preparar o alimento, de fazer comida. Estava iniciado no atalho dos espetos e das brasas, em direção às panelas e o fogão, para as receitas e maneiras de preparo.

Lembro com carinho das primeiras aventuras na cozinha, recém casado, na casinha¹⁸ da rua XV de Novembro, quando nasce o Pedro, e começo a preparar caprichadas papinhas, com receitas naturalistas e integrais. Os ingredientes escolhidos pelas categorias alimentares, cereal, legumes,

¹⁸ Era bem pequena mesmo. Mas foi a primeira casa que pude chamar de minha, e aí a se percebi a potência da expressão Lar Doce Lar!

proteínas, laticínios, frutas, tudo muito saudável e não industrializado. Daí para as receitas mais incrementadas, das experiências com familiares e amigos, foi um pequeno, digamos, médio passo.

Hoje, julgo que este conhecimento foi alicerçado por anos, comendo, observando, curtindo e apreciando a boa cozinha. Como professor, percebo que os alunos também portam esta mesma carga de experiências físicas e sensórias, que vão se acumulando de modo singular e teimam em se apresentar frente aos desafios do cotidiano.

São as habilidades potencialmente inatas e atávicas, submetidas às interações ou aos modelos percebidos, social e culturalmente.

Uma das características do professor que investigo é a de gostar do que faz. Busco perceber se ele aceita os ingredientes e utensílios de cada aluno, orientando à preparação de sua própria receita. Basicamente de incentivando que ele “tome gosto”, se aquerencie por seu preparo e pelo prato pronto. Numa referência simbólica que deverá estar refletida no mundo do trabalho, aliando conhecimento e **prazer do fazer bem feito**.

Esse prazer é uma das chaves para produção de significado e entendendo ao que Paulo Freire (1996) se refere ao afirmar:

“Significa, de fato que a afetividade não me assusta que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos” (p.159).

Nos últimos vinte anos¹⁹ tenho me dedicado à gastronomia com paixão, esmero, comprometimento, leituras e experimentação, prazerosa por certo!

Continuo estudando e me retemperando para ser professor, um professor melhor, que pretende se orgulhar da própria “professoralidade” (PEREIRA, 1996), que é o professor se fazendo professor continuamente.

Consciente de que nunca chegarei ao final deste trajeto, mas também como cozinheiro, vou atrás de mais uma que outra receita para se aprender a fazer, bem como, mais alunos para conviver e produzir conhecimento.

¹⁹ Publiquei dois livros sobre culinária 1995 e 2003, e produzi e coloquei no ar o site www.churrasco.com.br o qual foi finalista do concurso Ibest em 1998, além da coluna semanal, sobre gastronomia, no Diário Popular de 1996 a 2007.

Afinal, o tempo ensina que o melhor de tudo é o durante... escolher ingredientes, colocar a mão na massa, botar no fogo! O projeto/idéia, o processo/enquanto e o produto/resultado, resultado do saber/gostar de fazer.

Embarco sem certezas, todavia com a bagagem bem organizada pela intensa intenção e pelas palavras ditas, ouvidas, lidas e subsumidas. Insuflado por símbolos, imagens, sonhos e insônias, inscritos na realidade que nosso imaginário arquiteta e constrói.

Me acompanhe, pois vou do falar (tratar?) do professor profissional que professa sua profissão, que tem consciência de seu papel de educador, comprometido com seus saberes e fazeres. Sabe aquele professor que entra na sala de aula, ensina, os alunos aprendem e gostam?

Professor de Ofício

Aqui me apresento como professor que me tornei instaurado pela **ETFPel**, locus principal e atual do meu espaço de docência.

Em janeiro de 1987, começo a trabalhar na “Escola”, convidado para organizar o Atelier Livre e da programação visual dos materiais de divulgação.

Foi quando de fato, iniciei minha experiência como docente, com contrato e carteira assinada. Ali passei a dar aulas no currículo do curso básico. Fui integrante da Coordenadoria de Desenho e ministrei aulas de desenho geométrico. Para tal participei de um curso para novos professores, o primeiro “treinamento formal” como docente.

Iniciam-se as tratativas de um projeto para criar e implantar um Curso Técnico em Desenho Industrial. Fiz parte da comissão e utilizei as idéias e experiências, e o currículo do curso de comunicação visual da FAAP-SP, para ajudar na formatação e conceituação do novo curso.

Tentamos inovar com conceitos pedagógicos e didáticos que a instituição não costumava usar como: criatividade, sensibilidade, estética e a intuição dos alunos. Contextualização, avaliação por processo e pedagogia de projetos eram conceitos estranhos, no meu modo de entender, à postura

positivista, reprodutora e fragmentada que impregnava o ambiente da ETFPEL. O modelo que balizava estas instituições era o da indústria quantitativa, impregnado por idéias tecnicistas com foco no mercado do trabalho, normalmente alheias a posturas críticas e divergentes. O confronto e as discussões com meus pares eram constantes e estimulantes.

Nesse período entrei no curso de pós-graduação em nível de especialização em Informática na Educação, um dos primeiros da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, em 1989. Professores do “calibre” de Maria Isabel Cunha, Solange Coelho, Paulo Caruso, Antonio Henrique, Ceres Bonat, Francisco Rodrigues, Teresinha Fujita, dentre outros ministravam e assistiam as aulas²⁰. A profa. Léa Fagundes da UFRGS “dava as tintas” com o construtivismo de Piaget e do Logo de Papert. Refletir, fundamentar, discutir, escrever e ler sobre educação, me fez repensar e entender que ser professor era, e ainda é, uma atividade complexa, enfaruscada²¹ e desafiadora.

Minha monografia tratou dos fazeres e formação do professor de informática. Estava me iniciando no mundo da computação gráfica com bases teórica e prática e, como professor do Curso de Desenho Industrial, esses conhecimentos foram de grande valia.

Em 1998 a Escola passa a ter novo status, a ETFPEL passa a se denominar **Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas – CEFET-RS**, com maior abrangência dentre elas a permissão para oferecer cursos no nível de graduação e de tecnologia. Começa, também, a ser implantado o modelo de Matrizes Curriculares. Dentre outras mudanças, a avaliação passa a se baseada em “competências e habilidades”, o que provoca muita confusão, pois estávamos acostumados ao anacrônico, no meu modo de entender, sistema de provas, notas e médias.

Iniciamos o ano de 2001 com três turmas do Curso Programação Visual da área de Design, já no novo sistema. Estávamos na fase de experiências, descobertas e questionamentos, mas aceitávamos algumas das

²⁰ Estes professores foram pioneiros nas discussões sobre como a informática poderia ser introduzida no ambiente escolar, lembrando que nesta época a internet era o BBS, o Bill Gates ainda não tinha clonado o Windows da Apple, os computadores tinham tela em preto e verde e memória era medida em kilobites!

²¹ Não achei o termo no dicionário, mas me passa idéias de uma coisa nebulosa, dessas que se tem de arregaçar as mangas e fechar os olhos para enfrentar, meio assim indômito.

características implícitas do novo modelo: criatividade, flexibilidade, interdisciplinaridade e contextualização dos conteúdos e temas.

No que, agora, entendo como “pré-história” da minha carreira de professor, achava que o simples fato de conhecer e me sustentar com uma ocupação – Artes Gráficas – fossem suficientes para entrar numa sala de aula e assumir o papel de professor. Apesar da crença de que saber fazer era igual a saber ensinar, me recordo de uma insatisfação crônica que me acompanhava, que atrapalhava e embaçava minha atuação docente.

Mas a escola da vida se encarregou de colocar em xeque minhas verdades e paradigmas. Coincidência ou acaso, no ano 2000 o CEFET, passa a oferecer o **Programa Especial de Formação de Docentes para o Ensino Profissional**, que substituíra o ultrapassado Esquema 2. O curso qualifica com equivalência a uma Licenciatura Plena para as áreas profissionais do ensino técnico.

Como não possuía licenciatura para dar aulas no ensino técnico de nível médio, entrei para o curso de Formação Pedagógica. Retomei o contato com autores e textos sobre pedagogia e didática e, melhor, retorno a sala de aula como aluno, um papel para mim sempre agradável e poli possibilitado.

Grata surpresa, o curso se revelou inovador e tratava dos temas que me desassossegavam. Os professores e a dinâmica do curso, ajudaram a espanar a poeira e o mofo que haviam sido depositados nos meus conhecimentos e idéias sobre didática, planejamento, epistemologia, moral e ética, psicologia educacional e outros, provocando uma intervenção radical no meu cotidiano de professor. A vontade de ser professor se agrega à consciência de, a partir do curso, de ser professor, pois antes estava professor. Hoje me entendo, me assumo com um **professor profissional** comprometido e em constante formação.

Um recorte se faz necessário para explicar o modelo adotado pelo curso, fruto da Resolução 2/99. Os CEFET's recebem autonomia para a implantação de cursos de formação de professores para as disciplinas científicas e tecnológicas do Ensino Médio e da Educação Profissional.

Com a implantação da L.D.B. 9394/96, o Curso Superior de Formação de Professores de Disciplinas Especializadas no Ensino de 2º Grau -

Esquemas I e II foi extinto, dando lugar ao Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Profissional em Nível Técnico.

O curso organizado e ofertado pelo CEFET-RS tem sua matriz nas competências Pedagógicas, Relacionais e Tecnológicas, dentro dos núcleos Conceitual, Estrutural e Integrador, estabelecidos na proposta do MEC.

O curso é composto por vários temas com duração média de 12 horas aula, exemplos: História de Vida (primeiro tema), Paradigmas e Modernidade, Fundamentos de Epistemologia, Estrutura e Legislação do Ensino Técnico, Tendências Pedagógicas, Estruturação e Desenvolvimento de Aulas, A Interdisciplinaridade e o Objetivo das Disciplinas, dentre outros. Esse modelo faz com que os alunos tenham contato com um amplo número de professores, seus diversos enfoques, maneiras, histórias e “verdades”, possibilitando uma convivência rica com professores e colegas de profissões e experiências diversas.

O pré-requisito para ingresso é a graduação com aderência às áreas do ensino profissional e tecnológico, onde o estágio vai ser realizado. O Programa Especial de Formação Pedagógica foi reconhecido pela Portaria nº. 3.343, de 18 de outubro de 2004. Fim do recorte.

Ter feito o curso de Formação Pedagógica em 2000 foi essência e relevante na minha trajetória de professor, mas o barco não atracou só na doca da profissionalização do meu fazer/ser em sala de aula. A rota se amplia quando sou convidado a ministrar um dos temas do curso – Comunicação Eficaz e Técnicas de Elaboração de Material Didático e da Utilização de Multimeios e da Informática.

De docente do curso técnico Programação Visual, passo a atuar também como professor do curso de Formação. A “ficha” da responsabilidade não cai de imediato, o apoio da coordenação do curso, o afinamento e parceria com o grupo de educadores descortinam novas paisagens e possibilita cenários outros, até porque a docência para futuros docentes era experiência nova para a maioria dos professores do CEFET. Muito estudo, aprofundamentos e teorizações foram dando um formato mais consistente e potente ao curso. Uma das novidades era a de se trabalhar em duplas, uma

experiência reveladora e enriquecedora, onde me percebia como professor durante a prática.

Em 2002 o CEFET oferece o curso de Formação Pedagógica, através de um convênio com a SETREM.²² Sou convidado a ser o Coordenador da turma, outro desafio de porte avantajado, tanto pelo trabalho e incumbência, como por ser minha primeira coordenação de um curso. O resultado, reconheço, não foi de todo satisfatório, distância e pouca prática cobraram seu preço, mas o aprendizado foi intenso e fundante.

Este caldo foi revigorante, além aprimorar a visão do todo que o curso propunha a percepção dos temas e seu encadeamento e a compreensão de que a preservação da interdisciplinaridade faz parte das atribuições de quem coordena.

Da minha experiência como professor fica o sabor forte do relacionamento com turmas ricas e comprometidas, o contato com cada aluno, suas singularidades e vivências, resultou em aprendizagem de duas mãos, vitórias cotidianas e encantamentos das aulas plenas onde o protagonismo não era só do professor.

Nas outras turmas do Curso de Formação Pedagógica, continuei como docente e, cada vez mais, continuei a gostar e me entusiasmar com as aulas. Lembro de chegar em casa, à noite, contente e satisfeito, aquela coisa de dever cumprido, aliado à vontade de querer mais.

Paralelamente, continuo professor do Curso de Programação Visual, trabalhando com turmas de formandos nos projetos de fim de curso. E aí uma grata surpresa: sou escolhido homenageado pelas duas turmas de 2003, algo, para mim, inédito. A reverberação do fato em toda a minha caminhada nos afazeres **da e na** escola é potente e espalha pensamentos, significações, vislumbres, e ajuda a esclarecer o conceito contido na frase “o imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente”. (MACHADO DA SILVA, 2003, p.9)

Em 2005, com a mudança da diretoria do CEFET, sou “convocado” para coordenar Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes que

²² Sociedade Educacional Três de Maio Instituição da Rede Sinodal, na cidade de Três de Maio, RS.

já tinha em sua bagagem quase 400 alunos/professores formados em onze turmas.

Alguns professores do primeiro grupo se afastaram para mestrado e doutorado e me vi envolvido com seleção de novos professores de professores.

Quem diria? Antes de fazer do curso **estava** professor. Hoje **sou** professor! Professor de professores e ainda coordenando professores que formam professores. Este sonho “não sei” de ter sonhado, contudo foi vivido com todo o comprometimento possível e, faz parte do foco principal deste trabalho: **o professor que gosta do que faz.**

Este conhecimento, entretanto, ajudou sobremaneira a instituir mais dúvidas e questões sobre a formação docente, suas peculiaridades, competências e caminhos.

No ano de 2006 sou aceito na condição de tripulante do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da UFPel, o porto onde estou hoje ancorado, carregando provisões, bagagens, coragem e uma bússola tridimensional. Fui convidado pela comandante Lúcia Peres²³ a criar um novo cardápio, promover um curso de desenho básico para os embarcados e escrever artigos e manter o diário de bordo. Não sei se vou dar conta de tudo, mas de quase tudo está sendo de ótimo tamanho.

Já com a bagagem desfeita e acomodada penduro em minha cabine um escrito de Moacir Gadotti (2005):

O novo professor é também um profissional do encantamento. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é ao mesmo tempo ciência e arte. A arte é a “técnica da emoção”. O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar (p.34).

²³ Profa. Dra. Lúcia Maria Vaz Peres, “minha” orientadora, responsável por me mostrar alguns mapas para que eu possa navegar pelos mares paradoxais da representações do imaginário. Lidera o GEPIEM.

Com o professor devidamente instaurado²⁴, abro as portas da oficina/cozinha onde os professores são **trans-formados**, pela alquimia das idéias, das experiências e das “ferramentas” que encaminham o professor que atua com prazer.

Possibilidades da Oficina

Penso o professor como um profissional que conhece e domina seu *metier*, como um *chef* que tem a noção do todo e das etapas e elementos para cozinha funcionar. Não só ensina, mas sabe fazer.

Me agrada o professor figurado por Peres (1999):

A figura do professor, em sua dimensão “simplesmente” humana, seja pelo desafio da palavra ou por outras instâncias de expressão, provoca o si e instaura sentido, bem como, deixa fluir emoções e coordena ações (p. 142).

A oficina é o laboratório que um dia foi de alquimia, não mais oculta, aberta para os que sonham com o saber fazer. É também a cozinha onde os utensílios são os apetrechos que vamos adquirindo, de acordo com a estrada e o trajeto, situações e condições, objetivos e subjetivos. Local onde se aprende, se aprende a aprender e, portanto se aprende a ensinar. Sala de aula: espaço de constituição do aluno e do professor. Foi lá que nós todos aprendemos o ofício de ser estudante bem como o lócus da formação docente.

Vários autores se **defrentam**²⁵ com a qualificação dos professores, com os modos e maneiras de fazer do trabalho docente, das perspectivas da formação de um profissional comprometido com a aprendizagem e por via de consequência com o foco no aluno.

Cada mais vez mais falo do professor como um profissional com que viabiliza seu trabalho a partir das suas relações com os alunos, com atribuição de significado através da cumplicidade compartilhada pelos conhecimentos de cada um dos envolvidos no processo. Aberto às idéias pedagógicas, sempre de maneira crítica e contextulizada. Quem não gosta de um professor que sabe

²⁴ No sentido de iniciado, consciente da apropriação das características, conceitos e atitudes.

²⁵ Defrentar, ficar de frente, como sinônimo mais potente de debruçar. Acho complicado, enfrentar alguma coisa de bruços.

perguntar, provocar ou seduzir? Me refiro ao professor que, mais do que refletir, entende os porquês de sua prática, consciência instaurada pela autenticidade.

Pretendo me aprofundar e discutir a Formação Docente como pressuposto do professor que **gosta do que faz**, para tal vou escolher professores que foram homenageados pelos alunos formandos. E para isso, buscarei as imagens que estão “incorporadas” ou subsumidas na trajetória deles, usando cartas com imagens – carta grafia - para me conectar com o imaginário e as representações que potencializaram seus caminhos e estudos.

Para tanto devo buscar nos autores que tratam do imaginário, as teorias e idéias para “corporificar” minha investigação. O prof. Juremir me delimita o espaço...

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo (MACHADO DA SILVA, 2002 p. 23).

Sei que existem interpretações diversas sobre o porquê de alguém ser homenageado, e por isso se faz necessário contextualizar o aluno do CEFET para que se entenda quem são e, como são escolhidos, os professores que enfeitam os quadros de fotos das turmas, em nossa instituição.

Os alunos típicos e históricos do CEFET/ETFPel dão prioridade para inserção no mundo do trabalho, para o saber fazer, para conquistar (termo adequado à quem tem acesso ao ensino gratuito e de qualidade) uma qualificação que lhe permita obter um posto de trabalho, dentre as diversas ocupações possíveis em cada uma das áreas profissionais descritas pelo MEC²⁶.

Estes alunos (e cada vez mais, alunas) estão focados no aprender em detrimento ao de obter titulação, buscam poder atuar profissionalmente antes da graduação. Até por precisarem se manter para poder cursar uma faculdade.

²⁶ Resolução CEB n.º 4, de 8 de dezembro 1999, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Dentre elas a definição das áreas profissionais.

Esta diferença de atitude faz deste aluno, uma pessoa mais interessada, mais atenta e mais exigente com seu aprendizado. Para eles o professor se assemelha ao padrinho que, como artífices primordiais, ensinam através da prática e do conhecimento, preparando de forma efetiva, para o mundo do trabalho.

Isso me faz acreditar pelo que tenho vivido e observado, que os professores mais importantes e que ficam na memória, são os que descrevo como aqueles que gostam do que fazem. Docentes profissionais capazes de projetar, produzir, construir... fazer acontecer. Imagino, pois que alguém só se arrisca a entrar numa sala de aula para ensinar o que gosta e sabe fazer. Ou alguém lembra de professor que ensina o que não entende ou aprecia?

Geralmente, no caso dos CEFET, os alunos reconhecem estes educadores, indicando-os para serem homenageados no momento da formatura. Esse é um modelo diverso ao de outras instituições e níveis de ensino, onde nem sempre o parâmetro de escolha é o da atuação em sala de aula.

Cabe lembrar que nas formaturas dos cursos, existem duas ou três turmas simultâneas, e os homenageados são escolhidos democraticamente por voto, resumindo: são homenageados por serem simplesmente “bons professores”.

Pois bem, a oficina onde atuo está aberta, gosto do meu trabalho, levado, balizado, matriciado por estas histórias e causos que contei.

Agora vou me aparelhar para poder dar uma espiada nas oficinas de outros professores através de suas narrativas, memórias vividas e imaginadas.

CONCEPÇÕES & CONSTRUÇÕES

Está na mesa

Neste local adentro a cozinha... ao riscar o primeiro fósforo descubro estar tentando me inscrever nesta investigação através da (re)valorização da minha trajetória, das leituras e referências de autores. Tudo isto somado à reflexão despertada pela necessidade de compreender como as imagens presentes na trajetória da formação e prática dos professores do CEFET-RS, se relacionam, se imbricam com o **gostar do que se faz** e do entender o que se sabe.

É grande o desafio de escrever sobre como percebo e entendo meu entorno, ao mesmo tempo me dou conta de que, na maioria das vezes, fiz isto através do desenho, a forma de expressão com a qual tenho intimidade, segurança e conforto²⁷.

Além do desenho, vou me utilizar da metáfora da gastronomia para dar um cunho mais imagético à minha escrita. Um tipo de gramática “saborosa” e temperada para realçar os ingredientes desta pesquisa, pois de forma paralela à minha trajetória de professor, me envolvi com a culinária e seu universo de ingredientes, utensílios, receitas e preparos. Gosto da analogia entre o cozinheiro e o professor como alquimistas que logram a transmutação da matéria e do espírito

Oportuno citar um trecho que aprofunda conceitos do universo da gastronomia antropológica com os dos estudos do imaginário, da chilena Sonia Montecitos (2005):

Como pocos gestos sociales, el comer entraña al cuerpo de manera irrevocable. Si vestirnos implica el contacto de una materia en nuestra piel, comer supone incorporar, introducir y procesar elementos en nuestro interior. Por eso no ingerimos

²⁷ Desde a adolescência, minha forma principal de expressão foi através do desenho, trajetória detalhada no capítulo Aprendiz de artista. Este desenhar constante, inclusive nos meus cadernos de aula, tem um tempo, uma dinâmica e uma lógica, um tanto quanto, diferente da escrita, ou seja, a tradução/transcrição às vezes é complexa, mas copiosamente instauradora.

cualquier cosa y para que consumamos una sustancia debemos antes convertirla simbólicamente en “alimento”; ello ocurre cuando la nombramos e incluimos dentro de un sistema, junto a otros rasgos que consideramos apropiado, que nos nutren y nos agradan. El proceso por el cual transformamos algo en comestible, entonces es completamente cultural y arbitrario, y se ajusta a un determinado imaginario de la incorporación (p.19).

Portanto o imaginário de incorporação, no sentido amplo, pode estar presente tanto nos velhos cadernos de receitas, como na trajetória dos colegas que vou pesquisar, na busca por tentar resolver o problema desta pesquisa: Quais as imagens que influenciaram o saber ser, o saber fazer, destes professores?

Para esta jornada trago um diário de bordo novo, caderno com papel ainda em branco, emoção de iniciar... caprichar nas anotações, narrar, relatar e descrever, esboçar, rabiscar e desenhar.

Este é ponto de partida... minha trajetória, minha vivência experiência, minhas dúvidas, meus sonhos e caminhos que se descortinam.

Devo “mexer meigamente”²⁸, com fogo suficiente para não queimar as impressões saborosas da adolescência e juventude que são acrescidas com carinho típico das boas lembranças: amizades que extrapolam o núcleo familiar, até então acolhedor. Amores e paixões, as mudanças do físico, entrelaçados com as novas idéias materializadas por educadores, também entram neste molho de cultura que se adensa e exala um cheirinho bom. E aqui trago esta metáfora vivida para alicerçar as minhas buscas das imagens que se conectem como os saberes e fazeres dos professores do CEFET-RS, que foram homenageados após a conclusão do Programa Especial de Formação Pedagógica.

Vou acrescentar a noção de trabalho como ampliador/possibilitador de sonhos e caminhos. Para então misturar com vagar e vigor, deixar o fogo fazer

²⁸ Mexer meigamente é uma expressão muito usada por Silvio Lancelotti, jornalista, escritor e culinária famoso. Ele e Nina Rosa inspiraram a minha escrita sobre comida, deixando a receita em segundo plano para salientar o prazer de preparar e de comer.

seu papel de agregar e transmutar através dos meus estudos e descobertas no campo empírico.

A maioria das receitas revela, mas não determina cada dimensão temporal e cada história de vida. Elas vão apresentar aquilo que se convencionou chamar de “toque do mestre cuca”, aquele tempero especial ou aquela textura advinda da prática, que vai singularizar cada preparo/professor.

A receita não leva sempre aos mesmos resultados, mas o prato vai ficando mais gostoso. Ele vai adquirindo consistência e estilo próprio, como por exemplo esta não-receita deixada por Rubem Alves (1982)

O educador é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos. Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja nem necessário nem possível... É necessário acordá-lo. E aí aprenderemos que educadores não se extinguiram como tropeiros e caixeiros (p. 16).

Este diário me reporta aos manuscritos das receitas ancestrais²⁹, procuro encontrar as imagens e idéias que pensamos ser uma sala de aula como arena onde tudo acontece, dentro e ao redor, numa relação proximal, propícia e provocante do singelo ato de acrescentar mais algumas linhas no infundável rascunho de nosso trajeto.

Novas aprendizagens e vislumbres e, principalmente, muita reflexão escrita, me levaram a esquematizar este projeto, clareando áreas nebulosas, abrindo possibilidades ao mesmo tempo em que o foco vai se tornando mais potente e revelador das imagens subsumidas na prática pedagógica do **professor que gosta do que faz.**

Nas trilhas demarcadas de minha memória vou a busca dos sabores e odores, texturas e cores, determinantes do meu preparo – formação, e agora tentar encontrar as deles e delas.

Arregaço as mangas e passo a me dedicar ao fazer. Avaliando que tudo esteja organizado, a receita é posta em prática, o fogo alquimizante está

²⁹ Dos antigos livros de receita e nos, já gastos pelo uso, livros “que nos ensinam como ser professor”, onde os cozinheiros e os professores que gostam de sua ocupação deixaram suas marcas, suas história, suas experiências e sonhos.

sendo aceso, os ingredientes selecionados e preparados, utensílios verificados e o avental do professor é assumido.

É necessário abrir portas da despensa para iniciar a seleção dos ingredientes de uma refeição simples ou complexa, escassa ou farta, caseira ou alquímica, é sempre uma responsabilidade, onde as intenções se revelam, quando o clima se estabelece... início da jornada com um destino estabelecido, mas de trajetos vários.

Na culinária, a escolha dos componentes de um prato é determinada pela experiência do cozinheiro em suas caminhadas em torno das panelas. E na trajetória vou descrever lembranças e impressões, causos e coisas, percepções e ações, momentos que balizaram minha memória e como fui instaurado professor.

Daí a influência benéfica e reveladora da pergunta perspicaz, do questionamento propositivo, como exemplifica Peres (1999)

Os professores têm de ouvir-se para poder ouvir, resgatar e ressignificar, o sujeito que vive em sua trajetória de aprendiz. Essa premissa é condição sob a qual se constrói a competência do professor, no mínimo, com duplo fim: de ser sujeito autor, e conseqüentemente, melhor poder sustentar o processo de autoria do outro (p.144).

Vou vasculhar o fundo das gavetas para procurar a origem mentalmente documentada das instâncias da família, do meio cultural, dos signos astrológicos e dos símbolos ampliadores da visão e das sensações.

Concordo que “eu sou eu e minhas circunstâncias”³⁰ (ORTEGA Y GASSET, 1967, p.52). E é por isso que os ingredientes e as possibilidades vão revelando o filho, o pai, e agora avô, bem como a pretensão de ser artista do desenho e das letras, a identidade de trabalhador e cidadão e, sobretudo de professor.

Na história de vida os ingredientes que marcaram minha infância e juventude foram a escola, os brinquedos, os desenhos, os padrinhos e, por certo os mestres.

³⁰ ...se não salvo a ela (circunstância) não salvo a mim. Frase famosa do filósofo Ortega y Gasset na mesma obra e página.

O mapa ajuda a visualizar os meandros, os lugares e trajetos, desta aventura. Partindo destas “carta grafias”³¹ que foram se firmando, vou em busca das imagens esboçadas em cartas, como representações presentes nas trajetória/memórias dos meus colegas professores que gostam do seu fazer no espaço da docência.

Faça a maior é de deixar o leitor perceber que este trabalho está imbricado como saberes, representações, intuições e imaginários presentes nos cadernos de desenhos que fui produzindo durante a minha jornada. Estes desenhos feitos à lápis estão escondidos no texto, ilustrando e mostrando as possibilidades de uma lapiseira potencializada pela discussão, conversas e teorizações às quais me submeti.

Professor educando

Estou baseando este trabalho de mestrado (funda)mentalmente, em um professor, que conheço e assumo, atuante em sala de aula, nos bons sentidos do termo, todavia um educador que sabe os “comos” e os “porquês” da profissão.

Não me parece suficiente uma atuação honesta e prazerosa, mas acho fundamental a consciência e o entendimento claro do que se está fazendo. Poderia chamar esta atitude de **reflexão continuada**, para aproximar dois paradigmas da educação moderna.

Meus entendimentos sentidos ficam bem representados pela idéia que Peres (1999) apresenta sobre preparação em todas as instâncias da docência:

Um professor não pode ser exigido a exercer algo que nunca vivenciou, mesmo que tenha lido muitos livros sobre o assunto. Não se trata de decodificação e interpretação de teorias, mas de uma construção própria, de uma propriedade singular que advenha de suas vivências, representações e concepções (p. 138).

Intenciono levantar suspeitas, dar substância a conceitos, desvelar idéias, buscando nos “livros de receitas” as leituras críticas e divergentes, a

³¹ Minha intenção primeira, era de usar as cartas do tarot, com os arcanos redesenhados. Durante o percurso esta “cartas” tomaram outra orientação. Reveladas no capítulo da metodologia.

prática reveladora, em contraste com subsumida e, ainda nos mergulhos no imaginário e convívio harmonioso com a dúvida.

Portanto este trabalho teoriza sobre o professor que acolhe, percebe, entende, enfim respeita o aluno a partir de sua singularidade. Isso porque contempla as histórias de vida, na relação de ensino-aprendizagem.

Idealizo um educador que baliza sua atuação como orientador e facilitador para construção do conhecimento, a partir da atribuição de sentido, de significâncias das habilidades e competências propostas. Leva a sério o ensinar a “aprender”, ensinar o “saber ser” como pressuposto do poder fazer, ou seja, gostar de ensinar. O professor ao qual me refiro talvez saiba (ou intua) que o conhecimento cotidiano, espontâneo é a semente para o conhecimento **escolar** ou **científico** (VYGOTSKY, 1987). Esta semente deve ser cuidada, adubada, regada com desafios, projetos, integração e muita contextualização.

Passo a me considerar professor de fato após a conclusão do curso de formação pedagógica, vai daí o capítulo onde teorizo um pouco sobre como se “constrói” o professor educando.

Formação docente

Aprendi/entendi a importância da Formação Pedagógica, da profissionalização da minha atuação docente. Da relevância do estudo das competências específicas, de conhecer teorias, modelos e tendências da educação, escutar os dizeres de educadores experientes e ilustres, aprofundar as noções de psicologia para entender (relembrar) o universo do rico dos alunos, ter a oportunidade de debater a atuação profissional e ainda saber preparar e ministrar uma aula digna de nota.

Atualmente, defendo a formação docente como base de atuação nos saberes da experiência do **professor profissional**. Um educador que se preparou e que participa ativamente da construção de sua própria formação. Tardif (2006) nos diz que:

O saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e

a identidade delas, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola (p.11).

A profissionalização, contudo tem de ser entendida como valorização e preparo para atuar com autoridade, consciência e comprometimento com a educação, com a intenção de aprender a ensinar e ensinar a aprender. Para os professores, como eu do ensino profissionalizante, fica o desafio de facultar aos estudantes o ingresso no mundo do trabalho, balizados pelas habilidades requeridas pela ocupação, pela atitude digna e consciência cidadã.

Este espaço docente é preenchido por pessoas formadas nas práticas do cotidiano e no conhecimento escolar e científico. E os que têm qualificação, demonstram compreensão interdisciplinar dos temas e assuntos que apresentam, produzem sentido contextualizando conteúdos práticos e teóricos, e ainda motivando e incentivando os alunos.

Todavia a maneira como entendo, a formação docente vai além dos estudos formais de uma Licenciatura ou de um Programa Especial de Formação de Docentes para o ensino profissional.

Vejo-a como uma formação na ação. Parafraseando Schön (1992), que supõe o professor seja formado pela experiência (atuação no mundo do trabalho e prática profissional), pela trajetória (compreensão de sua história de vida e como ela pode afetar) e no cotidiano da escola (vivência no espaço da docência e suas instâncias: instituição, professores, alunos e comunidade) Deste modo a **trans-formação** é constante e constatada pelo texto conhecido e potente de Paulo Freire (1991) sobre o professor

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às 4 horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática (p.34).

Um dos exemplos dessa atuação é a da professora **Maria Isabel Cunha**³², que tem papel destacado na minha trajetória de professor, pelo modelo de dedicação e empenho, preparo e visão de mundo. Sobre tudo por ter

³² Mais conhecida como Mabel, quando ela foi supervisora na então ETFPEL. Tive a sorte de tê-la como professora no Pós Graduação em Informática na Educação (UFPEL- 1990).

criado as *caraminhas* que desembocaram neste estudo, a questão do “bom professor” que tive contato no curso de especialização descrito na minha trajetória. Através dessa imagem passo a refletir também sobre minha prática, questionar minha até então sofrível atuação em sala de aula. Queria/quero ser o tal de **Bom Professor** (CUNHA, 1989), que a professora “Mabel” aponta em seu estudo, a partir de várias habilidades e categorias da atuação do professor que tem **prazer de estar em sala de aula**.

Saberes do professor

Aqui, são listadas apenas algumas pistas daquilo que considero como necessário à boa prática profissional, pensando o professor como alguém formado pelo cotidiano e pela educação formal, que assume uma perspectiva de olhar ampliado para as questões complexas de aquisição de conhecimento e de compreensão de mundo.

O alvo das minhas buscas neste trabalho foi a tentativa de definir, vislumbrar um “perfil” para caracterizar o mestre ao qual estou me referindo e por certo, buscando como modelo: **O professor que gosta do que faz**.

Deixo para o prof. Gadotti, nos ajudar a descortinar e olhar com sabedoria para este cidadão envolvido com a educação.

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas

produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (2000, p.9).

Categorizando

O termo categoria não foi escolhido apenas para relacionar uma lista de *habilidades do bom professor* (CUNHA, 1989) ou dos *saberes necessários da prática pedagógica* (FREIRE, 1997), mas também pensando categoria como adjetivo de atitude crítica, de comportamento adequado, de competência no seu trabalho. Falo do **professor de categoria!**

É interessante como textos, artigos e estudos sobre a formação e atributos da profissão docente quase sempre apresentam um elenco de pressupostos, de atitudes, de maneiras e de conceitos epistemológicos que sugerem as boas práticas na sala de aula: menus de competências, atitudes, deveres, caminhos e posturas do educador comprometido com seu trabalho.

Estas categorias são um apanhado das idéias e escritos de autores que se defrontaram com a formação do professor como objeto de análise e de modelos empíricos. Os ingredientes da atuação do professor que gosta do que faz, estão na lista que conheço e apresento como campo teórico desta dissertação. São eles Gadotti (2000), Cunha (1989), Moran (2006), Freire (1997), dentre outros com os quais me identifico e penso compreender. E para dar conta da linha dos estudos sobre o imaginário, vou me reportar à Pedagogia Simbólica de Peres (1999).

Apresento a seguir *play list*, para encadear e organizar meus pensamentos e idéias, mas entendendo que estas só têm razão de ser e fundamento, num espaço de docência interdisciplinar, onde os saberes seriam mesclados, como ingredientes de uma receita caprichada, nos momentos e proporções adequados, para habilitar neste local, o que se supõe ser uma boa aula.

Esta lista não se encerra aqui e também pode ser acrescida de outras qualidades e instâncias, tais como: bom senso, esperança, generosidade e rigor. Dentre tantas, escolhi as que me foram mais significativas e com as quais tenho trabalhado e “aprovado” os resultados. São elas:

Comprometimento

Criatividade

Respeito ao conhecimento dos alunos

Reflexão

Contextualização

Formação continuada

Afeto e prazer

Começamos pelo **comprometimento**, com a responsabilidade de ser um professor cômico de seu papel, que é essencial na formação escolar dos educandos. Como condição de um trabalho solidário, que deságüe na aprendizagem democrática sem imposições e valores desgastados.

Acredito que nada é por acaso, e esta busca das imagens da nossa cultura, deste gostar do que é autenticamente brasileiro, fazem me encantar – magia - com as considerações sobre a **Profissão Professor** de Paulo Freire (1997) em “Pedagogia da Autonomia”.

Freire nos ensina que a “corporeificação” das palavras pelo exemplo, é próprio do professor que assume suas atitudes, sua prática seu compromisso com ética e cidadania. “pensar certo é fazer certo” (p.38). No sentido sócio, político e cultural de sua atuação, do comprometimento do professor. Implicando também em tratar do tema da autonomia da escola na qual o professor que estou investigando está inserido, em seu projeto político-pedagógico, na questão da participação e, da educação para a cidadania.

Ele deve ser também, capaz de proporcionar uma visão abrangente e sem preconceitos do mundo do trabalho, ter em mente a dificuldade que temos de perceber o trabalho como algo nobre, digno e essencial para nos constituirmos como professores... como cidadãos. Nossa cultura e nosso imaginário sobre o trabalho tendem a perceber este ato como algo menor, de pouca valia, vergonhoso até. Refiro-me ao trabalho como condição de autonomia e de cidadania, que vai além da profissão, mas que traz junto a compreensão e importância do papel de cada um na sociedade.

Esta atitude facilita o comprometimento, tira o peso do antigo epíteto de “sacerdócio”³³ que muito colegas ainda tem como véu que tolda uma visão mais ampla e abrangente da profissão e atuação de educador.

Ciente da importância da autonomia, tanto a própria como dos alunos, o professor a que me refiro direciona-se a um planejamento didático mais flexível, negociado com os alunos, susceptível de interagir em situações diversas e lidar com aportes imprevisíveis.

Um professor, acredito, que tenha autonomia didático-pedagógica, para fazer da profissão um projeto de vida, desmistificar o mundo do trabalho, para ter em mente a dificuldade que temos de perceber o trabalho como algo nobre, digno e essencial para nos constituirmos como cidadãos.

Em síntese, a nova formação do professor deve estar centrada na escola sem ser unicamente escolar, sobre as práticas escolares dos professores, desenvolver na prática um paradigma colaborativo e cooperativo entre os profissionais da educação. A nova formação do professor deve basear-se no diálogo e visar à redefinição de suas funções e papéis, à redefinição do sistema de ensino e à construção continuada do projeto político-pedagógica da escola. O próprio professor precisa construir também o seu projeto político-pedagógico” (GADOTTI, p.11. 2003)

A prática docente se apóia também na participação, na integração e na intenção potencializada pela (auto) formação, na compreensão do sentido sócio, político cultural de sua atuação. Entendo que o ensino deva ser concebido progressivamente como organização de situações de aprendizagem, ao invés de uma sucessão de lições.

Me sinto desafiado por Freire (1997) quando discorre sobre estética e ética: “(...)a necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (p.36). Esta metáfora aliando

³³ Não me sinto a vontade quando alguém, professor ou não, afirma que a profissão é um “sacerdócio”, como se fosse algum *carma* cósmico de sofrimento e resignação. Sacerdócio, na minha visão redutora, me lembra dogma e culpa, características incompatíveis com a idéia de um professor aberto, questionador e sem vergonha de ser feliz.

ética e estética, é um dos pontos altos do livro de Freire. A integração destes campos tão diversos é para mim um achado formidável.

Outra característica desta *play list* é a **criatividade**, para falar de curiosidade para a resolução de problemas a partir de resposta/soluções próprias. A escolha deste item, também se deve ao fato de ser uma característica que embala meus fazeres: entre o desenhar, o cozinhar e o de professorar. (Lá vou eu de novo inventando moda... professorar!)

Criatividade é para mim a capacidade de resolver problemas de maneira não óbvia e convencional, ter o costume e estimular o pensamento divergente para achar novos caminhos e possibilidades.

O processo criativo é um pressuposto do campo das artes; tem papel destacado na pedagogia, não como meios ou instrumentos didáticos, mas na prática da pergunta que desacomoda.

Como professores podemos criar, transformar e quando nos deixam... transcender. Assim como o cozinheiro trabalha uma refeição, prepara os ingredientes, transformando a matéria e, ao mesmo tempo, transformando-se. Isto vale pra o professor, que a partir de uma atuação criativa, passa a repensar sua prática e descortinar novas fronteiras no seu fazer.

Bom humor e a naturalidade, também são pressupostos da criatividade.

Para quê? Ora, para tornar bom humor e comunicação em características de um professor que consegue cativar e motivar uma “platéia” poli-estimulada conceitualmente pelo padrão global.

Atentar para não se cair na armadilha do professor engraçadinho, brincalhão em demasia, piadas sem graça então nem pensar. Ser bem humorado não é pressuposto de com contador de anedotas de boteco.

A criatividade pode e deve ser dissociada dos pré-conceitos contra artistas e loucos, para se transformar em pesquisa de novas maneiras de se comunicar de desafiar e seduzir os alunos. A capacidade de estar sempre pronto para inovar, é disso que falo.

Um dos aspectos interessantes do fazer e do ser criativo é a de não estar em busca de certezas e muito menos atrelado a dogmas e modelos monolíticos, todavia saber perguntar, ser companheiro da dúvida e da inventividade. As ciências naturais e a “ciências do humano”³⁴, são balizadas/matriciadas por dúvidas e hipóteses e não por certezas.

Como apagar a imagem de sisudez que a história e as representações colaram na figura do professor? Entendo existir uma diferença significativa entre autoritarismo, do professor que estabelece verdades sem aceitar questionamentos, em oposição a autoridade que o professor deva ter como condutor do processo aprendizagem, e para tanto tem de estar aberto às dúvidas, tem de ter humildade de não saber tudo e compartilhar e construir conhecimento com os estudantes. Em suma, estar aberto, disponível e “atenado”.

Gosto de pensar que o **professor que gosta do que faz**, possa estar de bem com a vida, com sua prática e concepções, com suas convicções, mas não *bitolado*. Creio que criatividade e bom humor sejam atitudes contagiantes.

Outro aspecto importante se refere ao **respeito ao conhecimento dos alunos**, condição para que a aprendizagem se estabeleça. A partir da integração dos saberes curriculares à experiência social dos alunos.

O entendimento da importância do respeito aos conhecimentos dos alunos mudou muito a minha prática. Passei a usar a luneta pelo lado contrário para, em vez de ver o todo, poder perceber cada estudante em sua individualidade. Deixei de ser professor “de um aluno”, para ser professor “de e com todos alunos”. Hoje converso com os alunos no primeiro encontro, pergunto de seus interesses, de suas perspectivas e sonhos. Tento criar um ambiente, onde todos se (re)conheçam, onde as diferenças sejam reveladas, e ainda ressaltar a riqueza desta diversidade.

Mais que o respeito pelos conhecimentos dos alunos, por sua lógica, seus ritmos necessidades e direitos, vejo nesta atitude o alinhamento com o singular, com os tempos e lugares de cada pessoa que senta na sala de aula,

³⁴ De acordo com Josso (2004), ciências do humano trata-se de um sentido mais integrado de perceber o ser humano em sua totalidade.

com suas expectativas e sonhos. Difícil lidar e superar o desinteresse arraigado pelas verdades e certezas, incutidas pela escola, que vários alunos trazem junto ao lápis e ao caderno.

A questão colocada por Freire (1997) é o que se poderia chamar de “resumo da ópera”. Diz ele: “Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais dos alunos e experiência social que eles têm como indivíduos?” (p.34)

Relaciono com o professor do ensino profissional, que consegue ter um convívio mais interativo dos alunos. Nestes dois *lócus* – cotidiano e escolar - de aprendizagem ele vai poder criar o ambiente, desenvolver seu próprio método, instigar conhecimento. Afinal o **professor que gosta do que faz**, também é formado pelo – passado, presente, futuro – na escola da vida.

Cito um trecho de Moran (2006) sobre o professor do artigo "Novos desafios para o professor", para iluminar minhas idéias:

Quando pensamos em educação costumamos pensar no outro, no aluno, no aprendiz e esquecer como é importante olharmos os que somos profissionais do ensino como sujeitos e objetos também de aprendizagem. Ao focarmos-nos como aprendizes, muda a forma de ensinar. Se me vejo como aprendiz, antes do que professor, me coloco numa atitude mais atenta, receptiva, e tenho mais facilidade em estar no lugar do aluno, de aproximar-me a como ele vê, a modificar meus pontos de vista.³⁵

Penso que o professor passa a “ensinar” quando muda o foco e, passa do programa/conteúdo para “aprendiz e o aprendido” e investe na troca de informações e experiências dos e com os alunos.

Gosto da figura do botão/broto que costumo usar para explicar a ZDP - zona de desenvolvimento proximal – (VYGOTSKY, 1987) que supõe um o professor jardineiro, que usa de seus saberes/fazeres para fazer germinar - semente, muda, transplante, rega, adubo e poda - o conhecimento particular de cada aluno.

³⁵ www.eca.usp.br/prof/moran/caminha.htm - acessado em 08/09/2006.

Para este respeito se concretize, penso que as avaliações devam ser centradas no processo, no projeto e na capacidade de saber fazer e saber o porquê fazer. Entendendo que do momento que o estudante passa a atuar, ele tem de ser agente de sua própria avaliação.

A singularidade é componente a se identificar e trabalhar, mesmo ciente das dificuldades de tempo, e excesso de turmas.

Para isso é importante a capacidade e o preparo cultural para transformar dados e informações, que nos chegam aos borbotões, e elevá-los ao nível de conhecimento, a produção de sentido deve ser objetivo do professor, não só para seus alunos como para si próprio.

O que leva a entender o respeito as diferenças, a tolerância diante de atitudes, posturas e conhecimentos diferentes. Fazendo deste entendimento ferramenta para melhor entender o mundo e constituir-se no elo do saber relacionar-se com os alunos. Em uma entrevista Paulo Freire (1996), fez alusão à relação de cumplicidade no espaço docente:

Cumplicidade que é sinônimo de participação - uma presença afetiva e sobretudo ética. Que se manifesta através de uma curiosidade que vai se tornando cada vez mais crítica na busca em comunhão que devem fazer educador e aluno.³⁶

A debatida **reflexão** entra na lista como necessidade de um pensamento em movimento que quer pensar sua própria ação. E como forma de envolver o movimento dinâmico entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

Acho importante o professor manter-se culturalmente atualizado, fundamentado nos seu próprio entorno, entendendo o mundo e suas pluralidades singulares, e as relações de seu povos e personagens, em suma estar sempre olhando, percebendo, lendo... fazendo e refletindo.

Quem consegue esquecer-se do professor que costumava incentivar o pensamento crítico que desafiava a classe com teorias dissonantes e conceitos que não eram os tidos como cristalizados? A quebra de um dogma, no mínimo,

³⁶ Entrevista com Paulo Freire por a Nye Ribeiro Silva. **O profeta da esperança**, extraído da revista DOIS PONTOS. Belo Horizonte, mar/abr. 1996. 9. 6 – 1

traz para a cena, a dúvida, a incerteza e a discussão que, se bem conduzidas levam à reflexão.

O professor reflexivo que tem uma atuação baseada na compreensão de suas ações e como ele as interpreta e consegue despertar nos alunos, o pensamento crítico que lhes permite uma visão de mundo mais abrangente e um melhor preparo para o mundo do trabalho. Não seria a isso que Schön se refere quando pergunta: “Como é que o professor compreende e responde a outros indivíduos a partir do ponto de vista da sua ansiedade, controle, diplomacia, confrontação, conflito e autoridade?” (SCHÖN, 1992, p. 91).

Apesar da importância de todos os artigos e textos que descrevem este professor que reflete na ação, sobre a ação... etc., é preciso ir além e evitar se perder numa prática da reflexão pela reflexão, e se ficar preso a esta ou aquela teoria. A capacidade de refletir não pode estar baseada em preconceitos e “idéias ralas”, concordo com o professor Gadotti (2003) quando diz:

Para o educador não basta ser reflexivo. É preciso que ele dê sentido à reflexão. A reflexão é meio, é instrumento para a melhoria do que é específico de sua profissão que é construir sentido, impregnar de sentido cada ato da vida cotidiana, como a própria palavra latina “insignare” (marcar com um sinal), significa (p.14).

Outro aspecto dos saberes que gosto de salientar é o da **contextualização**. Essa deveria ser prática corrente nas salas de aula de todos os níveis do ensino, este entendimento é fruto da vivência em uma instituição de ensino profissional, onde a teoria e a prática têm o bom costume de andar de mãos dadas.

Anotei em uma palestra sobre ensino profissional: “se não se contextualiza se isola, fragmenta” e, esta atitude deve ter via de mão dupla com os conhecimentos e referências dos alunos.

Penso no contexto como visão abrangente e crítica de mundo e não apenas como artifício para produzir exemplos com vício de origem³⁷,

³⁷ Como exemplo, a insistência de alguns professores em se basear seus conteúdos e programas em índices de livros didáticos, que se desatualizam na velocidade da informação globalizada.

contextualizar para (re)significar, entender que o que se aprende se origina nas próprias idéias, sonhos e percepções.

Nós, professores do ensino profissional (e de outros níveis também) continuamos sob a égide do modelo capitalista, que estabelece que os cursos de cunho técnico/profissional devam preparar para o “mercado do trabalho”³⁸, sob o senão da profissão/ocupação bem segmentada, tradicional e bem delimitada, ou seja: redutora.

O mundo do trabalho, cada vez mais emprega e prioriza formandos preparados para uma formação continuada, capazes de perceber e se adaptar à multiplicidade de áreas profissionais, incontáveis ocupações e aos avanços da ciência e da avalanche de inovações tecnológicas.

O professor precisa ser capaz de contextualizar para possibilitar a atuação interdisciplinar, fazendo e revelando a teia de como se interligam conhecimentos, pois os alunos questionam, na maior parte das vezes cobertos de razão, a “utilidade”, a pertinência/importância de alguns temas e conteúdos e, de como eles se interligam, ou como podem produzir sentido. Ser agente do trabalho integrado pelo conhecimento de outras áreas afins, que no caso do ensino profissional é condição de excelência.

Outro componente é a busca constante da **formação continuada** é uma atitude, um comportamento. Estar sempre antenado no que está acontecendo no mundo, no país, na cidade e no bairro, perceber e aprofundar impressões filosóficas, sociológicas e psicológicas que moldam e colore o nosso entorno, é condição “sem a qual não”.

Os professores de quaisquer níveis ou modalidade não podem se dar ao luxo de prescindir de uma leitura diária do mundo, das novidades e tendências, do local e do universal. Precisa deixar de lado os dogmas e padrões mofados, de conteúdos que não se enquadram na emergência vertiginosa do mundo em que pensamos praticar a cidadania. Penso que não custa nada ter o costume de estar sempre em contato e conectado ao científico e ao cotidiano.

³⁸ Termo em desuso, muito restritivo, pois apontava ocupações estanques e sem mobilidade, mas muito usado nos anos 70, quando o capitalismo de influência norte americana dava as cartas econômicas e ideológicas.

Numa outra perspectiva – a de investir a profissão e os seus saberes – a formação contínua pode constituir-se num espaço que promova a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional... “investindo positivamente os saberes de que os professores são portadores, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceitual” (NÓVOA, 1991, p.17).

É preciso valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos em constante (auto) formação, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação de políticas educativas.

Penso que seria desejável que os cursos de formação de professores se dedicassem menos à técnicas, estilos e autores da moda e mais à atitudes, hábitos, valores. Levando o professor a compreender e valorizar seu próprio trajeto, suas raízes e matriciamentos e tomar consciência de seu “inacabamento” (FREIRE, 1996, p. 55).

Reproduzo a citação de Nóvoa (1991), que poderia ser relacionada com diversas profissões e não somente à de professor:

Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor. [...] A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal (p.14).

Este constante movimento na trilha do saber, do aprender e do fazer, sugere quem sabe, um olhar com olhos de “eternos aprendizes”. Bem como o cultivar a capacidade de refletir sem preconceitos e idéias desgastadas, perseguindo conhecimento e, no percorrer do caminho... conquistar a sabedoria.

Como diz Paulo Freire “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (in GADOTTI, 2003, p. 11).

Chegamos ao pressuposto que norteia esta investigação o professor que gosta do que faz, para tanto vou falar de **afeto e de prazer**, ultima característica desta lista.

A experiência nos mostra que os alunos sabem, percebem quando o professor atua com **autêntico** prazer, com gosto pelo que está ensinando, ele gosta de estar com os alunos, e se emociona com o brilho nos olhos dos que estão aprendendo e produzindo significado.

Os alunos precisam acreditar no que está sendo proposto e ensinado, autenticidade e naturalidade são detectadas por suas turmas, acredito que eles não tenham muita dificuldade de perceber quais professores estão ali inteiros e disponíveis.

A intuição dos alunos deve ser considerada como aquele tempero especial que se usa para dar aquele toque de sentimento, tanto na comida como na sala de aula.

Nesta perspectiva podemos pensar na sedução que poderá nos ajudar a refletir sobre as condições que possibilitam o seu uso ético no ensino. O professor pode usar esta estratégia, este saber, para se aproximar da turma e, também chegar mais perto de cada aluno, despertar interesse e mostrar o lado prazeroso de ensinar e aprender.

Como em todo jogo, uma dinâmica complexa, uma troca de olhares, de gestos, de palavras se instaura entre os protagonistas, professor e alunos, nesse teatro que é a sala de aula. (GAUTHIER E MARTINEAU, 1999, p.12).

Para tanto é importante o professor também se mostrar, abrir seu coração e demonstrar afeto, que segundo Freire (1997) é um dos mais importantes saberes do professor.

Entender o seu fazer e dele gostar, gostar de ensinar, saber ensinar, aprender a ensinar e ensinar a aprender.

Reafirmo que este rol de qualidades, saberes e características, não são os ingredientes definitivos para preparar e constituir o professor que gosta do que faz, a receita é instaurada pelo gosto, pelos saberes, pelas idiossincrasias de cada um.

Estas competências, características ou qualidades do professor que apresento como foco desta dissertação, deverão ser o norte (sul?) para a análise das entrevistas e escritas provocadas pelas Cartas Grafadas.

A seguir passo a (de)escrever aonde e como fui buscar as referências, as relações destes educadores com o universo do imaginário.

Representações do Imaginário

A cozinha está, quero acreditar, em condições de se iniciar “os trabalhos”, organizei os ingredientes na minha memória, vou trabalhar com utensílios que estão gastos e marcados pelo uso e, portanto com melhores condições de uso, acendo a luz das representações do imaginário para dar um clima nesta fase da preparação deste prato.

Não pensem porque seja um preparo simples e cotidiano, este procedimento tem história e geografia, reflexões e produções. Desta vez a apropriação da receita, os detalhes, os modos e maneiras, os autores e atores são os componentes fundantes e instauradores. São a base desta pesquisa que pretende aproximar formação docente, imaginário e memória.

A metáfora da receita/dissertação pode ser melhor compreendida dentro de um contexto onde a individualidade e personalidade sejam considerados parâmetros relevantes.

Falo de uma receita, que é na verdade, um experimento com todos os itens que antecederam este capítulo. Uma receita não precisa, necessariamente, levar a um resultado padronizado e repetitivo, assim como uma dissertação pode estar temperada por criatividade, curiosidade e vivências pessoais.

Mas é no clima de sala de aula que vou conversar com os professores que elegi para desvendar trajetórias e memórias, experiências vividas, símbolos e imagens.

Para tanto fui beber na fonte da magia, do mistério que antecede a epifânia que contém o símbolo, como Durand (1993) nos explica, é:

(...) é a recondução do sensível, do figurado, ao significado, mas é também, pela própria natureza do significado inacessível, epifania, isto é, aparição, através do e no pelo e no significante, do indivisível (p 11).

Vamos ao que interessa, ou melhor vou explicar como intenciono e, com quais intenções, busquei na trajetória e no mundo imagético dos entrevistados, as relações com a prática do **professor que gosta do que faz**.

Como já havia me referido no início desse trabalho, os estudos do campo do imaginário, são a fonte onde fui buscar o referencial para teorizar sobre minhas idéias, desejos e devaneios.

Para apresentar à academia temas como imaginação, símbolos, reservatório e outros, precisei entender estes conceitos com ajuda/leitura de minha orientadora Profª Lúcia Peres e de Durand.

O referido autor (1993), explica as duas maneiras do homem entrar em contato com a realidade:

...diretamente, quando o objeto apresenta-se ao espírito; e indiretamente, quando o objeto não pode se apresentar de forma imediata à sensibilidade... Já no símbolo, a relação entre significante e significado nasce de uma certa similitude, de uma certa familiaridade, sem se estabelecer, no entanto, uma relação unívoca. O símbolo, portanto, é uma representação, uma figura, um signo concreto que evoca idéias ausentes ou impossíveis de se compreender de outra forma. (p. 12)

Esta noção de “conhecimento indireto” me acompanha quando embarco em busca dos símbolos que poderão surgir na falas e escritas desta pesquisa.

Em um de seus artigos, ao tratar dos caminhos da formação docente, planícies e abismos, pistas para falar de ancestralidade e dos processos imaginários, Peres (2006) ressalta que;

Com o aprimoramento desses processos vividos vamos compreender os limites da condição humana que habita cada professora(r). O Professor é alguém que erra e que precisa aprender com isso; que não é um semideus/a, muito embora “alimente” um imaginário de herói/heroína, porque isso também é construção social e cultural (p.55).

Com as leituras, as teorizações e muitos devaneios... fui magnetizado (e gostei) pelo campo teórico do imaginário, lembrando que as imagens, são a reservatório (MACHADO DA SILVA, 2002) no qual sempre estive imerso através na prática profissional.

As representações desenhadas do imaginário, são minha linguagem, meu meio de comunicação com o lado noturno revelado por Bachelard (1998), o epistemólogo do imaginário e suas reverberações... “Que seria dos grandes sonhos da noite se não fossem sustentados, nutridos, poetizados pelos lindos devaneios dos dias felizes?” (p. 202).

Nesse sentido vou usar de imagens para incentivar, a fala e a escrita sobre, trazer as recordações dos entrevistados, é o caminho inverso que percorri. As imagens fazem parte de minha **trajestória**, pois sempre tive o impulso, a vontade de desenhar, de colocar no papel, na tela (hoje do computador) representações gráficas das imagens símbolos, arcanos e arquétipos que povoam minha (dioturna)mente.

Estes desassossegos nos caminhos de tornar-se professor são teorizados por Peres (2006), quando lembra que

...o ofício de do professor é direcionado, também, para humanos, e o humano está entretecido por inúmeras contingências simbólicas. O que desejo ressaltar é que os compêndios teóricos e metodológicos são fundamentais, mas não suficientes para que nos tornemos professores, uma vez que a formação docente não se trata de um jogo de encaixe de teorias e práticas (p. 51).

A dimensão humana tem de ser a lanterna do ermitão (carta 2 do tarot), que vai e iluminar o caminho dos professores, pois antes de nos instituímos como aprendizes ou educadores, temos de nos reportar a nossa matriz cultural e social e, como se não bastasse, à finitude que teima em nos apresentar o mundo como ele é, e nem sempre como gostaríamos que fosse.

O próximo movimento é o que envolve a pesquisa propriamente dita e as impressões que as vozes e escritas sobre revelaram.

INVESTIGADO & ANALISADO

Colocando as cartas na mesa

A sorte está lançada. Parto para as conversas com os meus pares, professores do ensino profissional e de disciplinas práticas do CEFET-RS, egressos do Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes e que, como eu, foram homenageados³⁹ pelos alunos, o que penso ser um facilitador, para entrevista semi-estruturada e de apresentação de imagens provocativas que preparei.

O critério de seleção se deu a partir do cruzamento das listas de homenageados nos cursos técnicos do CEFET-RS, com a dos professores que cursaram o curso de Formação Pedagógica. Neste cruzamento encontrei cinco colegas, no período de 2001 a 2005, três homens e duas mulheres, cada um de um curso técnico diferente: Informática, Telecomunicações, Mecânica, eletrônica e design. As professoras atuam em cursos mais novos e não tão focados na Indústria como os cursos mais antigos da referida instituição.

Já tinha trabalhado com alguns e os outros que conhecia do “tudo bom?” dos corredores. Sondados para participar desta pesquisa todos se mostraram interessados e dispostos a colaborar.

O curso de qualificação, que me licenciou, me outorgou mais ânimo e instrumentos para lecionar e, de me engajar com convicção nas propostas da instituição e dos cursos onde atuava/atuo. Entrar em sala de aula, mais seguro e motivado, foram consequência da formação pedagógica.

Contudo, ter sido homenageado em 2002, foi um “momento charneira” (JOSSO, 1987 p. 44), que cunhou minha trajetória de educador⁴⁰. A satisfação foi grande, tipo “dever cumprido”. Achava que não ter sido escolhido, não me afetava, mas uma frustração subsumida me incomodava.

³⁹ Alguns destes professores, já tinham sido homenageados antes do curso de Formação Pedagógica, e pelo menos um deles é sempre homenageado desde que entrou para CEFET.

⁴⁰ Na entrevista para a seleção deste mestrado, o foco inicial foi trocado para o da linha do imaginário e suas representações. Lembro da Profª Lúcia Peres, pré-orientadora, alertando:
- ...vais terminar por avaliar tua própria trajetória.

Não tenho como resgatar de forma mais aprofundada os motivos da minha escolha pelos alunos, apenas percebo a importância que este evento teve na minha atuação, focando, aprimorando e compreendendo o que é ser um professor “verdadeiro”.

Com os professores definidos, perguntas organizadas e o “baralho” preparado, passo a dar as cartas e recolher as “apostas”. E favor, não estranhar esta nova metáfora do baralho, pois ela é (im)pertinente. Ou alguém pode duvidar que um joguinho de cartas após uma boa refeição faz bem para digestão?

Aportamos na metodologia que vai ser utilizada nesta investigação.

Maneiras e modos

Para além da pesquisa e da metodologia que estou propondo, quero acreditar que possamos oportunizar resgate de vivências, histórias de aprendizagem e provocar reflexão sobre momentos marcantes da história de cada aluno... hoje professor. Percebo a importância deste momento, tendo como elemento basilar as idéias de (PERES, 1999):

Abre-se um espaço de reflexão, no sentido de que o futuro professor possa pensar-se enquanto aprendiz de si - formando/formador. Espaço para o resgate da trajetória de sua própria aprendizagem, dos saberes pessoais com seus diferentes sentidos; espaço para olhar a prática de outros docentes em sala de aula; para a resignificação do pessoal no profissional; da leitura para as representações imaginárias e simbólicas, como parte de “conteúdos vivenciados”. E, deste modo, construir uma competência por dentro de uma reflexão diferenciada (p. 137)

A metodologia de investigação tem dois momentos, a entrevista com o relato da trajetória de professor, apresentação das doze cartas, onde o professor vai escolher quatro cartas e, escrever suas impressões e sentimentos sobre cada uma.

A entrevista⁴¹ inicia por informações básicas da trajetória de estudante/docente. Depois três questões para localizar o professor(a) no tempo e no espaço, e a partir das respostas, pretendo fazer perguntas para situar melhor as histórias e trajetórias de cada entrevistado. A prof^a Maria Isabel Cunha relata a influência da vida escolar na carreira de professor.

É de sua história enquanto aluno, do resultado da sua relação com ex-professores que os BONS PROFESORES, reconhecem sua maior influência. Em muitos casos esta influência se manifesta na tentativa de repetir atitudes consideradas positivas. Em outras, há o esforço de fazer exatamente ao contrário do que faziam os ex-professores, considerado negativamente. (1989, p.159)

Através dos relatos da trajetória de aluno e de professor, vou procurar nas imagens presentes no imaginário, os pressupostos **do gostar de ser professor**, do prazer de ensinar o que sabe fazer... vou ver se descubro núcleos de sentido empíricos... por ventura alguma semelhança advinda de dúvidas e incertezas e, se a sorte me favorecer, retratos de sensações e interpretações, de sonhos e insônias.

Para referendar a importância das narrativas para este tipo de investigação que pretendo, trago os estudos de Josso, quando a elas se refere, dizendo que por vezes:

... as narrativas assumem e desempenham uma dupla função, primeiro no contexto da investigação, configurando-se como instrumento de recolha de fontes sobre o itinerário de vida do(a)professor/professora em processo de formação inicial/continuada e, em segundo lugar, no contexto de formação de professores, constituem-se como significativo instrumento para compreensão do desenvolvimento pessoal e profissional”(2002, p 22).

Para tanto, dirigirei o foco de minha procura nos professores dispostos a ensinar a aprender, capazes de contextualizar e reconhecer os conhecimentos dos alunos, e se conseguir incentivar o pensamento/ação de

⁴¹ As entrevistas estão digitadas na íntegra e gravadas no CD-ROM que acompanha esta dissertação.

maneira crítica, melhor ainda, e tomara poder me deparar com educadores que preparam e encaminham para a cidadania e mundo do trabalho. Chego assim mais próximo do paradigma do educador que na sua **essência, gosta do que faz.**

Na análise, vou tentar descobrir os professores que impressionaram, para então investigar como a formação docente, tanto a **científica** com a **espontânea** (VYGOTSKY, 1987) é afetada/instaurada pelas representações do imaginário. Também me apoiarei nos estudos do imaginário sob a ótica de Durand (1993), no que se refere à “imaginação simbólica”. Nesta obra o autor nos traz os signos arbitrários (indicativos) e os alegóricos (significativos) com o intuito de trazer as diferenças sobre os símbolos. Pontualmente o autor traz uma contribuição para pensar a imaginação. Diz ele:

Finalmente chegamos à imaginação simbólica propriamente dita quando o significado não é de modo algum apresentável e o signo só pode referir-se a um sentido e não a uma coisa sensível (p. 10).

Escorado na minha relação antiga (ou atávica) com a imagem, com desenho e representações outras, vou usar imagens para provocar, seduzir, impressionar meus interlocutores, na tentativa de estimular escritas subjetivas e amplificadoras do sentido a cerca das imagens subsumidas em suas trajetórias.

Vou mostrar aos professores que participam desta pesquisa, imagens que “circulam” e se “atravessam” nas histórias e andanças, nos quadros e fotos, arquétipos e arcanos, na busca de descobrir, um pouco que seja, no universo simbólico destes professores, indícios e pistas do gostar de atuar em sala de aula.

São doze cartas que produzi, pensando nos três núcleos simbólicos que na linguagem de Durand (1993), podem estar no plano “das qualidades espirituais ou morais dificilmente apresentáveis em carne e osso” (p.13). Os desenhos impressos à cores, vão se parecer com cartas de baralho, só que com maiores que o usual. Eles deverão escolher quatro cartas, e escrever sobre o que cada uma lembra, provoca ou representa.

Vou em busca dos símbolos, em suas dimensões cósmica, onírica e poética e ao encontro da revelação relatada por Durand (1993):

O símbolo é, como a alegoria, recondução do sensível, do figurado ao significado, mas também, pela própria natureza do significado inacessível, epifania, isto é aparição, através do significante, do indizível. (p. 11)

Entendo, estar aparelhado para poder dar uma espiada nas oficinas de outros professores através de suas narrativas imagéticas.

Cartas Grafadas

Tal como o corpo humano é um museu de órgãos, com uma história evolutiva por trás deles, deveríamos esperar que a mente fosse organizada de forma semelhante, e não um produto sem história. (C.G. Jung, CW18.522)

A idéia inicial da metodologia previu, através da escolha das cartas e das escritas das impressões que as imagens evocassem, balizar o campo empírico desta investigação.

No primeiro momento pensei em fazer adaptação de cartas do Tarô⁴², baralho famoso, utilizado para divinação e revelações, além disso, foi também descrito como uma ponte não-racional sobre o aparente divisor de águas entre o inconsciente e a consciência.

Cheguei a esboçar algumas imagens usando os arcanos principais com algumas adaptações, para lembrar o tradicional Tarot de Marselha, mas fiquei com o sentimento que, sua aparência medieval, talvez não motivasse meus interlocutores.

Saio em busca de outros ingredientes... fotos e imagens, desenhos e pinturas, de minha autoria e de artistas conhecidos e, muito material recolhido na Internet. Juntei material sobre quadrinhos, gente e imagens famosas, obras dos meus pintores surrealistas prediletos, Salvador Dali, Rennè Magritte e

⁴² O Tarô como instrumento de pesquisa já foi utilizado por Peres (1996), em sua dissertação de mestrado (UFRGS)

também do instigante Escher⁴³. Usei também fotos que tenho feito nos últimos tempos que retratam detalhes da cidade e da casa onde moro. Para as montagens usei preferencialmente o software de tratamento de imagens Photo Shop, que é o tema de aulas que ministro nos cursos de técnico de Programação Visual e de Formação Pedagógica, no CEFET-RS.

Preparei um primeiro conjunto com doze cartas, apresentei ao nosso grupo de pesquisa⁴⁴ e por consenso chegamos à conclusão de que estas cartas pudessem estar muito “sofisticadas”, e que ficariam um pouco deslocadas do ambiente de trabalho de uma escola de ensino profissionalizante.

Revisei minhas pastas de arquivos, “baixei” mais imagens da Internet e refiz a maioria das cartas. Ou seja, abrandei as imagens que estavam ficando no espaço de surrealismo e de um simbolismo intrincado, que conheço e transito, para temas mais próximos dos meus colegas, que atuam em cursos técnicos e de tecnologia, tentando, sem com isso perder a dimensão simbólica.

Cheguei a estas doze cartas que descrevo a seguir, com as dificuldades de quem está acostumado a laborar com desenhos e imagens e não com a descrição destas. Porém este interessante exercício se mostrou fecundo, e vai auxiliar de maneira positiva na análise das impressões descritas pelos entrevistados.

A capacidade de escrever, de falar de coisas e contar causos, da necessidade de compartilhar o que tenho aprendido, me induzem e estimulam a produzir e preparar este prato (parto?) especial que é esta dissertação de mestrado.

⁴³ Magritte e Salvador Dali foram pintores surrealistas, com produção expressiva no início do século XX, Escher foi um desenhista famoso por sua capacidade de transformar o espaço de uma folha de papel, em dimensões insólitas e improváveis.

⁴⁴ GEPIEM (Grupo de Estudos e pesquisas sobre Imaginação, Educação e Memória)

Carta 1 - Estudantes



Para esta imagem agreguei elementos imagéticos que suscitam o estudo, o ambiente de estudo e os estudantes.

No plano de fundo, um close de uma estante plena de livros. Autores nacionais e estrangeiros traduzidos definem um contexto de leitura numa única língua, o português. Nossa literatura é uma das melhores do mundo, a língua ajuda com suas modulações, variações, riqueza de formas e tempos, uma língua plena de possibilidades. Mas também sabemos das dificuldades dos brasileiros ao acesso à leitura e para então ter condições de escrever. Uma enorme dívida que temos para com uma expressiva fração de nossa comunidade, ainda relegada ao comer/morar.

Sentados em classes escolares, alunos com os utensílios de estudo. Livros, textos e cadernos, canetas, lápis e marcadores se mesclam com a concentração explícita dos jovens da imagem.

A dedicação e o esforço denotam vontade de aprender, de aprimorar, de vislumbrar e poder perseguir novos horizontes, bem como de preparar receitas novas, de conhecer ingredientes outros... de preparar e de se alimentar com a própria comida.

O reflexo na janela, com manchas de luz de sol, foi ali colocada para o devido contraste, como ambiente escolar, às vezes sisudo e com poucas

nuances de cor. Lembrar de natureza, de vida, do que está fora, mas é parte do que está em cada um e em todos.

Luz que ilumina e alimenta assim como os livros e o estudos. Este é o mote desta carta quem sabe despertar a questão da necessidade de ler e estudar.

Pode ser que algum dos entrevistados, se refira a este e outros aspectos contraditórios da educação em nosso país, que podem e devem ser mais cuidados e atendidos com **intenção mais intensa** (por essas, gosto tanto da nossa língua).

Romances, poesia, contos e ensaios, filosofia... conhecimento, novos horizontes, a partir de outras vivências e perspectivas, histórias e estilos em cada escrita, a personalidade de cada autor; a possibilidade de enriquecer a imaginação, alimentar devaneios, simbolizar sem receios; de criar um mundo particular com a reconstrução pessoal, a partir de cada trajetória, balizada pela leitura e mais ainda pela interiorização do que está sendo lido/entendido.

Carta 2 - Dama da Noite



Esta imagem foi criada com elementos que suscitam pensamentos sobre pecado e também repressão. A mulher sensual sugere considerações sobre prazer sexual, os “pecados da carne”. É a figura com mais evidência e pode despertar, ao primeiro olhar, idéias sobre desejos. Mas, também em evidência está o quadro do “sagrado coração” que já nos transfere para

aprendizagens oriundas da iconografia de nossa infância, dos catecismos, dos dizeres de nossos pais.

As imagens são contraditórias e complementares, talvez, represente uma espécie de polêmica expressa em teorias psicanalíticas: ao sentirmos desejo, sentimos também que há uma certa vigilância, nem todo o desejo pode ser satisfeito: o coração deve manter-se sagrado. A mulher sensual, num segundo olhar, já não parece tão sensual, seu rosto apreensivo chama mais à atenção, é como se ela dissesse a quem olha “tome cuidado, é perigoso”. Percebe-se, também que há uma espécie de auréola nebulosa próxima aos seus cabelos que aumenta a impressão de pureza, substituindo a impressão inicial de sensualidade.

Como cenário para estes sentimentos, uma parede de folhas. Este fundo com folhas verdes foi escolhido para ser um elemento que tirasse a tensão provocada pelos ícones “mulher-desejo” e “Jesus-castigo”. A trepadeira poderia dar, ao leitor da imagem, uma idéia de que tais sentimentos são da natureza. Que tanto homens e mulheres como as plantas encontram pelo caminho muitos obstáculos: as folhas estão distribuídas num muro, mas continuam vivas, ocorrendo assim, um abrandamento no choque inicial.

As roupas no varal dão uma impressão de espaços de intimidade. Fazem parte da “colagem” como uma metáfora para demarcar que estas sensações de desejos e medos em relação a eles ocorrem dentro de uma cultura que lhes impõe significados e níveis de valoração, e geralmente chamados de “sujos”. Mas, acrescentei cores vivas nos panos ali pendurados, para dar mais uma vez, a sensação de leveza. Imaginei que tal junção poderia despertar pensamentos de processo: as roupas sujam, mas podem ser lavadas e se tornarem “arco-íris”, da mesma forma a vida humana seria um composto dialético de sujeira e limpidez, sombra e luz, movimento.

No canto da imagem, a lua. Escolhida para ambientar na noite o conjunto de sensações que a imagem desperta. Penso que ela reafirma uma comunicação com o mundo simbólico da intimidade: a lua dos amantes. Mas, também está numa posição que pode remeter a uma sensação de que o mundo da intimidade está ligado a outros mundos, para além de nossos “muros”. Ela funciona como um misto de sensações, pois aparece, em função

das nuvens à sua volta, como um grande olho que estaria vendo tudo o que se passa.

Ao escolher esta configuração, pensei em possibilitar aos professores entrevistados darem vazão à fala, sobre seus desejos e fantasias íntimas, os quais fazem parte de sua subjetividade e, acredito os acompanham e marcam posturas profissionais. Através desta imagem, entendi que conseguiria provocá-los, mais do que com uma pergunta do tipo “como tu vês a questão dos desejos implicadas na tua profissão?” A isso Durand (1988) chama de **conhecimento indireto**.

Carta 3 - Rebeldia



Para a construção desta carta constelei⁴⁵ imagens num espaço não usual, moldura desta montagem.

O fundo da imagem é o de uma foto que tirei no pátio de minha casa, em um ângulo de 90° em relação ao chão, com a câmera apontado perpendicularmente para o céu, favorecendo a convergência de linhas geométricas, para abranger um belo céu azul com nuvens⁴⁶.

⁴⁵ Uso o termo constelar inspirado no sentido junguiano de agregar elementos/idéias, instâncias diversas, para criar uma nova visão.

⁴⁶ O céu azul com nuvens foi uma constante na minha produção pictórica, que entendo tenha origem com ao ar elemento de meu signo libra, e outrossim com a aproximação com o cosmo e a leitura atávica que tenho/temos de infinitude e de onde viemos. Penso também em quem estaria nos espiando?

Na parte superior é emoldurado por detalhe da porta de uma garagem com as texturas do tempo⁴⁷ dando a impressão de rugas, para se opor com o macio azul do céu. Céu onde dissolvi a imagem do “companheiro” Che Guevara. Mito de uma geração visto por uns como herói revolucionário e por outros como facínora, de qualquer forma é uma figura marcante que costuma despertar reações fortes, de amor e compreensão e também de ódio e intolerância. Difícil é encontrar alguém que não tenha uma posição, ou um sentimento intenso sobre a figura símbolo da resistência política das Américas, amor e ódio para sintetizar. O senso comum costuma outorgar a Che Guevara a frase “*hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamás*”, que acaba por reforçar esta idéia de sedução guerrilheira e bandida.

A foto não é aquela imortalizada em *posters* e camisetas, preferi outra com olhar mais suave e irônico, um sorriso tipo Mona Lisa dissipado em celeste dimensão. Não sei se algum colega vai perceber essa história da ambivalência herói-bandido. Quem sabe poderei captar algum relato de professor bonzinho e parceiro em contraposição ao estereótipo do professor durão, ralador. Mesmo acreditando que nada é por acaso... nunca se sabe.

Nesta carta ainda me reporto ao quarteto importado *from Liverpool*, os Beatles, na foto com o uniforme da Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band⁴⁸. Faço aqui uma homenagem a este quarteto que influenciou mais de uma geração, se sobrepondo a outras humanas instâncias, como filosofia, política, religião e outras regiões do conhecimento da nossa raça. Não era um fenômeno localizado, todo o planeta ouvia Beatles (ouve até hoje!), desconheço outra revolução cultural mais potente do que a descortinada pelas canções do quarteto inglês.

Estávamos ainda na ressaca do pós guerra, quando “este tal de Rock n’ Roll”⁴⁹ fez sua mágica aparição simultânea na Inglaterra e nos Estados Unidos. Rock, que tem origem no blues, no jazz, músicas de “coração” negro. E que invade o mundo na década de 60 de forma arrebatadora, logrando

⁴⁷ Texturas do Tempo é o nome do conjunto de fotos que tirei dos detalhes do casario (grande parte tombado pelo Patrimônio Histórico) de Pelotas, buscando as marcas dos anos, os relevos corroídos na arquitetura neoclássica da cidade.

⁴⁸ Oitavo álbum do conjunto de rock inglês, lançado em 1967, no auge da fama da banda. É frequentemente citado como o melhor e mais influente álbum da história do rock.

⁴⁹ Cantarolando a música “Este tal de Roque Enrow” de Rita Lee, álbum Fruto Proibido de 1975

preencher um vazio de sentimentos e emoções, que os conflitos e falta de humanidade, implantada pelos poderosos, faziam questão de ignorar.

Foi o estilo musical que conseguiu romper barreiras geográficas e culturais, numa linguagem universal, tocada em canções simples e cheias amor para dar.

Intenciono com esta carta despertar relatos de rebeldia e de travessuras, de brinquedos e brincadeiras, criatividade e olhar divergente.

Carta 4 - Temperança



Nesta carta represento o vôo, o olhar ampliado por outros horizontes e perspectivas.

Nasci no dia 29 de setembro meu protetor é ninguém menos que São Miguel Arcanjo. Me atrevo a acreditar que por isso gosto e aprecio tanto as criaturas aladas. Do pequeno beija-flor, dos falcões, do mitológico Pegasus, e dos anjos.

A imagem que esta lâmina revela é constituída em cima desta figura contraditória: forte e feminina. A armadura serve de moldura para as louras e esvoaçantes madeixas, e também para os detalhes primorosos do panejamento de uma sobre saia. Fluidez em conjugação com o metal trabalhado e polido.

As asas gigantescas dão sensação de força e poder, reparem que a espada não está em ataque, e sim apontando avante, para o futuro. Os olhos cerrados poderiam ser consequência de algum devaneio, lembrança de um

sonho ou súbita insônia, sinto como se estivesse ouvindo um som celestial, instaurador, provocante e sedutor... o mais provável é que esteja dando asas à imaginação.

A protagonista está dissolvida em uma paisagem de um por do sol daqueles em que as cores não se conseguem nos tubos de tinta, e nuances que o pincel têm dificuldade de representar. A imensidão cromática parece levar a um estado de consciência congregado com cosmo, e também despertar sensações de pertinência e contato com o divino.

Na parte inferior esferas de vidro nos remetem a uma outra dimensão. Formas circulares, atávicas, nos falam de óvulo, células, átomos, planetas. As esferas são formas perfeitas, todos os pontos da superfície têm igual distância do centro. A ausência de vértices e pontos de referência facultam o entendimento e contextualizam a idéia de infinito, do que não início e, nem fim.

A outra pertinência com o redondo é reprodução de globos oculares, reportando ao olho e ao olhar com todas suas significâncias, falo do reflexo do buraco negro que vê e permite ver. Não é por um acaso fortuito que os olhos atendem pela metáfora de “espelho d’alma”.

O nome Temperança vem de um dos arcanos maiores do Tarot, onde uma figura feminina representa mudança interior, e polaridades opostas. Quem sabe os professores entrevistados, possam pensar e revelar como estas imagens vivem em suas subjetividades.

Carta 5 - Mágico



Para esta imagem fui beber na fonte da magia, do mistério que nos afigura o oculto e suas manifestações.

Vou atrás destas aparições e também tentar explicar manifestações da sabedoria profana.

Poderia pensar em alguma relação deste comedor de fogo com a primeira carta do Tarot: o Mago, que nos remete à dizeres de comunicação, talento e concentração. O fogo divino simboliza o início de um ciclo, a chama se modifica, provocando diversas sensações.

Metaforicamente comer fogo é uma construção interessante, pois troca-se o alimento pelo que o transforma quimicamente: alquimiza. Alguns dos professores talvez possam pensar no fogo como energia que se deve adquirir para poder construir conhecimento e criar o espaço da aprendizagem. Inclínadas tábuas ainda estão lá, foram vestidas com mapas do início da navegações⁵⁰ dos 1500 e alguma coisa. O mapa é o desenho do caminho, da representação gráfica do aonde.

Numa leitura sinistra⁵¹ da figura da madona misteriosa que olha para os lados em vão, imersa na folhagem, realça a oposição do verde e do amarelo. O ícone criado por Da Vinci, atravessa séculos, deixando-nos sempre a procura do sentido oculto do ato de sorrir(-se).

A fusão do fundo de trepadeiras, como engolidor/expelidor de fogo, cria contraste cru e enérgico.

As possibilidades inerentes da cada da combinação de cores sempre foram para mim um campo de experimentação, pois muito se fala da simbologia de cada uma das cores, suas influências astrologias e psicológicas, mas na prática estamos sempre colocando cores, uma(s) ao lado da outra(s) criando outras perspectivas simbólicas. Os artistas são conhecidos por suas “paletas”, pelas cores e tons e também pelo modo como harmonizam o colorido de suas obras. Uma de minhas combinações prediletas é a do verde com o preto, misto de mistério e contraste elegante, que fica melhor ainda, se pelo fogo iluminada. Dando complementaridade de duas cores secundárias... laranja

⁵⁰ Gosto de pensar em navegações como termo similar à divagações, de onde se pode sair sem rumo, apenas vento na cara e horizonte longínquo.

⁵¹ Sinistra tem origem no termo italiano “sinestra” que significa esquerda.

que é vermelho mais amarelo e do verde que é junção de azul e amarelo, dando uma volta no círculo das cores...

A mágica de “comer” fogo sempre impressiona, remonta os antigos saltimbancos da Europa feudal. Hoje um tanto quanto banalizada pelos pedintes de semáforo e dos *performers* das badaladas *raves*, que a mim lembram os bobos da corte.

Carta 6 - Sonho



De forma basicamente surrealista (como se o surrealismo pudesse ser básico) a criação desta carta envolve elementos oníricos, recortes da natureza, artefatos dos humanos, que se organizam e que se confundem, numa suave ênfase ao contraditório.

O foco primeiro no perfil gracioso de uma dama adormecida, semi submersa. Poderia parecer um a princesa dos contos de fada, ou quem sabe uma dona de casa antes de acordar para a lida diária, melhor ainda uma professora descansando após um dia de trabalho na escola... As possibilidades são muitas, a identificação fica por conta de cada um. A água tranqüila reflete o sono, cria outra dimensão, pois uma das possibilidades do desenho/montagem é o de dar volume ao que está no plano bidimensional do papel, para criar espaços improváveis e acordar histórias outras.

Imagino que seus sonhos sejam povoados pela hera que cresce no tronco envelhecido, contrapondo claro e escuro, liso e enrugado. Um cenário

natural onde podemos nos sentir à vontade, deixar o corpo relaxar e a mente viajar...

Neste devaneio a onda também desliza fácil, paira tranqüila, como se a espreita de algo ou alguém que se achega. A conversa das ondas é cheia de acordes dissonantes e segue um ritmo que é regido pelo tempo, que se faz líquido e mutante.

Para destoar do aspecto etéreo e líquido desta imagem, coloquei esta foto de uma janela típica do casario de Pelotas⁵², cheia de vidros multifacetados, como penso que os educadores podem/poderiam ser. Com a capacidade de leitura de mundo variada e sem fronteiras definidas, com a intenção constante de entender e conviver com os reflexos que se instauram no espaço da docência

Quando nela pensei, supus que os professores, ao ver esta janela, pudessem fazer uma analogia entre uma via de entrada do que é visível e iluminado, abertura para outras paisagens, ou (talvez) como uma saída para os viajantes noturnos que se nutrem nos seus sonhos e com seus símbolos. Aberta ou fechada: janela!

Carta 7 - Gurias



Esta carta tem como referência principal a foto (des)colorida de professoras, creio que na época não eram chamadas de “tias ou

⁵² Pelotas é conhecida por seu patrimônio arquitetônico, com vários casarões do século XIX, construídos na época da prosperidade, gerada pelas charqueadas.

professorinhas”, por isso vou chamá-las de “gurias”, para usar um termo muito utilizado aqui no Rio Grande do Sul, para designar meninas, mas pode perfeitamente ser generalizado para outras instâncias de idade.

Não existe uma indicação precisa da profissão das integrantes do grupo, algumas estão com livros ou quem sabe diários de classe? A pista para descobrir o saber/fazer delas, me parece estar no sorriso franco e no olhar de satisfação. Imaginei a consciência do fazer bem feito, do “dever cumprido” e do comprometimento com a atuação. Seria muita viagem desvelar na foto, uma colchas de retalhos composta pelas histórias de suas atuação nas escolas e nas salas de aula do caminho?

Para o fundo da montagem, escolhi a imagem de um ambiente vanguardista, com linhas retas, plena de cromados e “spots” de galeria de arte. Com o intuito de contrastar com o aspecto *démodé* e antigo da fotografia. Hoje vivemos sob o paradigma paradoxal de estarmos “envolvendo”⁵³ o auge da tecnologia de comunicação informação e a escola, muitas delas, ainda se movem no ritmo ditado pela velocidade do giz escrevendo na lousa....

Poderia supor que por isso, por esta discrepância, o gostar de ser professor está num patamar atemporal onde o presente, e passado e futuro não são caracterizados por rótulos e modismos. O compromisso principal continua sendo com a aprendizagem, com a *enseñanza*, para usar termo em espanhol, sinônimo de educação.

A inclusão nesta montagem do Eremita, carta número IX do Tarot, também evoca passagem do tempo, interiorização, além do azul da capa simboliza o ar, o tom púrpura interno simboliza a terra, lembrando movimentos do sólido palpável para o etéreo vital.

A solidão fica implícita quando se fala de professores, como de todas as pessoas, quando se identificam com “magos” por que são ocasiões onde os saberes se dão através de um momento de interiorização. Creio existir um processo de construção de si, quando despertamos o ermitão que nos habita.

⁵³ Aqui me refiro ao intenso envolvimento que estamos vivendo, nessa era da grande teia midiática, ampliadora de contatos ilimitados.

Penso que estes elementos, mais a imagem da coruja, poderiam despertar, nos professores desta pesquisa, falas sobre auto conhecimento e quem sabe despertar histórias da trajetória aluno-professor.

Carta 8 - Princesa



O olhar da “princesa” é focado diretamente no nosso olhar, evoca/provoca um diálogo de interpretações diversas, porém não necessariamente divergentes. Ela é jovem, contudo nos remete a um clima de mistério, de conhecimentos adormecidos...

A mão sob o peito, no meu entender, denota vontade de conversar, de aprender, de se comunicar... disponibilidade que procuramos tanto no professor como nos alunos.

- Olá, gostaria de me apresentar, sou a princesa Leiami, do Reino das Lágrimas, você quer conversar comigo? Sou do signo de Virgem, com ascendente em Câncer. Toco oboé e estou fazendo aulas de Flamenco, estou muito entusiasmada com as castanholas. E você o que tem feito de interessante?

No fundo carregado, denso e quase lugubre, nuvens azuis realçam o clima desejado. Seu vestido se (con)funde com o fundo, as lágrimas se transmutam em chuva/orvalho, para alimentar os botões de rosa, que se encontram em outro espaço. Alquimia diurna em consonância com o noturno, para nos reportar aos regimes descritos por Bachelard.

Nos tijolos pendem elos de ferro, pesados, resolutos e experientes. Lembram união, permanência e dualidade. Foram acrescentados à montagem com a intenção de deixar a carta menos intangível e nos lembrar de “colocar os pés no chão”, ou seja, de maneira direta quando o objeto se apresenta ao espírito como ensina Bachelard (1993) .

As formas geométricas básicas, dos sólidos com as cores primárias, insinuam as jóias que fazem parte do figurino de qualquer princesa digna do seu ofício. Falam também de geometria espacial, lembram aulas e ensinamentos adquiridos em “priscas eras”.

Com esta carta espero evocar reminiscências, nos professores, dos mistérios que envolviam as histórias de castelos, reis e princesas. Das fábulas que fazem parte de nossa iniciação imagética. Não seria de causar espanto se o modelo “príncipe encantado”, pudesse ter alguma coisa ver com o professor que gosta do que faz.

Carta 9 - Sala de Aula



O espaço da docência é reproduzido e (re)apresentado nesta imagem, uma sala de aula límpida e organizada... pronta, para mais outra jornada de ensino e, pudera sempre, aprendizagem.

Apesar de vazia, parece que podemos escutar o burburinho típico da escola, dos estudantes interessantes e algumas vezes interessados. Seja sincero, você não sente o cheiro de caderno, de estojo com lápis e borracha. A

mim reporta a uma cozinha preparada para servir uma boa refeição: o banquete do conhecimento.

Na parede ao fundo é o lugar da lousa, outrora quadro negro, que esverdeou com o tempo, numa possível metáfora do musgo que é a vida que insiste em se (re)produzir onde quer que seja.

Substitui o quadro por uma obra de Peticov⁵⁴, que reproduz com profusão de brilhos e cores a Acrópole de Atenas, numa alusão à Grécia, que se conserva como berço do conhecimento ocidental, sempre repleta de dizeres de sabedoria e de reflexão, sobre os porquês da existência, da (in)finitude, enfim destes assuntos de que tratam os pensadores e filósofos.

No centro os lugares destinados aos que estudam, hoje desconfortáveis cadeiras de braço. Confesso ter saudades das mesas com tampo de madeira, onde podíamos deixar nossas marcas, herdadas do paleolítico. Prefiro sentir o macio natural da madeira, ao frio e lustroso material sintético que hoje povoa e restringe os espaços de anotação e leitura.

No canto inferior dissolvi a foto de uma estudante para se mesclar as classes. Através deste sorriso franco e claro tenho a pretensão de deixar a impressão de que a felicidade é uma possibilidade palpável, que o ambiente da sala de aula pode ser prazeroso e alegre. Mesmo ciente das dificuldades históricas que a educação tem em nosso país, onde são poucas salas como esta e, raros são os momentos de alegria que refletem o brilho do conhecimento.

Criei este cenário para evocar nos professores que participam desta pesquisa, recordações dos tempos de aluno, que apesar de passadas, continuam, creio presentes.

⁵⁴ Antonio Peticov é artista plástico paulista, que conheço pessoalmente e admiro. Como ele, costumava usar na minhas obras sempre alguma referência as cores do arco íris.

Carta 10 - Singularidades



É comum me referir ao professor como maestro que rege a orquestra a partir da confluência de vários instrumentos, cada qual com suas peculiaridades, timbres e maneiras de execução, além dos momentos e instâncias apropriados para produzir música, segundo a partitura. A batuta conduz à construção do conhecimento, imanente de todos os músicos/estudantes. A música tem diversos tons, sonoridades e dissonâncias, numa homologia simples com a nossa humana condição.

Outra imagem potente é a do jardineiro que prepara o solo, semeia diversas plantas, aduba, rega e, no momento/estação adequado, poda para que possam crescer com vigor e viço. Um jardim harmônico, com diversas espécies, flores, arbustos árvores, folhagens, cada a com característica próprias, mas é nesta diversidade que entendemos beleza do jardim, e as perspectivas da sala de aula.

Esta é a carta, no meu modo de ver, mais óbvia e direta, sem recorrer a subterfúgios simbólicos para reafirmar a importância que dou ao respeito pelo conhecimento dos alunos, cada vez mais concordando com Freire quando se refere aos “saberes socialmente construídos na prática comunitária” (1997, p.33).

Procurei a imagem de um quebra cabeças, selecionei diversas fotos de onde “apartei” rostos e expressões diversas, e apliquei em cada peça do jogo.

Gostaria com esta carta, de garimpar dizeres da diversidade de pessoas e gentes, com trajetórias próprias, também de idéias e vivências que cada um carrega e cultiva. A riqueza desta singularidade pode ser encontrada nas salas de aula e no ambiente escolar. Pluralidade instauradora foi o que pretendi representar com esta carta.

Quase me esqueço do coringa, que faz sua aparição para criar um contraponto gaiato, uma pequena travessura.

Carta11 - Sabedoria



Nas minhas pastas abarrotadas de figuras de pessoas e personagens famosos, a figura simpática de Einstein, sempre me chamava a atenção. Preferi esta imagem dele no ambiente de trabalho de um pesquisador, escrevendo, argumentando, ensinando. A imagem dele com a língua de fora já está desgastada, e é bom lembrar que alguns símbolos perdem sua força quando são demasiadamente expostos.

Os pólos desta lâmina são dados pela meiga figura infantil, simbolizando a inocência e ternura, em contraponto com a figura forte do sábio de branco cabelos, ícone da inocência e da sabedoria. Penso no que pode vir a ser e na procura pelo saber o que é.

A criança no teclado do computador parece olhar par uma tela onde o passado emerge no futuro. Ela ainda consegue se encantar com o porvir, com um mundo repleto de trajetos possíveis e de promessas tentadoras.

A direita a foto do cientista ousado, que quebrou paradigmas e, com sua curiosidade foi além do que estava posto, do que se pensava já ser definitivo. Einstein descortinou outras dimensões e conseguiu o improvável, colocando energia, tempo e espaço em uma equação matemática, toavia esta sentença de matemática foi fundante para se abrir um caminho real para o cosmo, que estava sossegado nos nossos sonhos e histórias.

A genialidade que emprega apenas o poder do conhecimento e uma lousa para (re)calcular e marcar toda a tecnologia que hoje nos assola, embriaga, e a alguns enlouquece.

Desenhei uma carta sem dúvidas e subjetivas intenções, criei uma imagem para estimular nos entrevistados palavras de evolução e inventividade, inocência e essência, presente e futuro.

Carta 12 - Sorriso



Na última carta deste baralho, retratei minha mesa de trabalho. *Lócus* da cozinha teórica, onde os utensílios, como canetas, lápis, papel, estão integrados com o bloco de notas e os livros de receitas.

É aqui que o milagre da transmutação ocorre... o que está informe e espalhado em desvãos de meu cérebro - sensações, idéias, palavras, memórias - vão se constelando e (re)significando, começam a fazer uma feição, enfim as representações passam a se apresentar. Para expressar e organizar estas informações é preciso domínio do lápis e de ter bastante papel

em branco para dar vazão, para dar vida e voz e, sem complicar ainda mais... para escrever!

Imaginei que pudesse suscitar nos professores, suscitar alguma relação com seus locais/espços de preparação de aula e de aprimoramento através da formação continuada. Ou quem sabe eles falem da relação que têm com a leitura e com a escrita?

A borboleta foi anexada com o intuito de trazer a natureza, para este local de estudos. Uma pitada de cor e textura para dar um sabor exótico ao preparo. A delicadeza e vida efêmera das borboletas, é uma lembrança da fragilidade e da pouca consistência do que somos, do que sabemos e do que desejamos

Para dar um toque final, pendurei nesta imagem, o desenho do rosto de uma jovem mulher, uma beleza de expressão enigmática, com os cabelos entretecendo uma teia com os saberes, deixando no ar um perfume de mel e alecrim... quem sabe consiga deixar a idéia de uma musa inspiradora, que está quase sempre ao nosso lado... mas nem sempre estamos com disposição ou coragem de evocá-la. Alguém me sussurrou “ela se chama Intuição.”

Entreconversas

Até aqui descrevi como construí esta investigação, as idéias e ideais que foram se estabelecendo durante a produção deste artefato teórico.

Passo agora a descrever como foram as entrevistas, a apresentação das cartas, a degravação e organização dos textos, desembocando nas análises das vozes e das escritas.

... escuto, ao longe, um som grave... parece um apito de navio avisando da partida... abro os olhos, ainda não bem desperto... estou sentado na minha mesa, rodeado de papéis, canetas, livros, papéis, pastas, lápis e mais papel.

Na parede defronte um velho relógio antigo, destes de dar corda e com pendulo... me faz um sinal quase imperceptível e, com a calma propiciada pela compreensão do tempo, me alerta: - **Vamos, está na hora...**

As entrevistas foram feitas no CEFET-RS, em ambiente de trabalho ao qual estamos *afectos*, salas de aula, oficina, laboratório de pesquisa, ajudaram a propiciar um clima tranqüilo e confortável. Apenas uma professora foi entrevistada em sua casa e, apesar do ambiente não tão propício e com interrupções, ela pode falar com desenvoltura sobre sua trajetória.

Para evitar a prática (incômoda) de colocar o gênero entre parênteses, optei pela gramática: para o plural me refiro a professores, no singular o gênero (sexo?) será plenamente contemplado... professora tal e professor qual.

Tinha dúvidas se devia ou conseguiria fazer as perguntas de forma seca e direta como estão apresentadas no anexo 01, mas como eu previa, não foi possível. Tenho contato com estes professores, trabalhamos na mesma instituição e, portanto com várias histórias, questionamentos e vivências em comum. Esta proximidade criou um ambiente coloquial, aonde eu ia perguntando, aprofundando e até interrompendo e, procurando não descuidar do “acadêmico”, encaminhei as respostas para temas, categorias e conceitos que estou estudando neste trabalho, ou seja “puxei as brasas para meu assado”. Em outras palavras... balizei as entrevistas tendo em mente o **professor que gosta do que faz**, perguntando aos professores, que imagino, gostam de fazer o que fazem.

A narração das trajetórias se deu de forma natural, e percebe-se que em alguns momentos, as histórias trazem à tona o reservatório de cada interlocutor, cenas e passagens marcantes e fundantes em suas histórias de vida.

Como socializar estes nossos encontros? De que maneira colocar tudo isso no papel? Emoções? Vivências? Desassossegos? Sorrisos?

Algum cenho franzido... dúvidas e certezas que teimavam responder a chamada...presente, professor!

Após degravar todas as entrevistas percebi o quanto é sensível e complexo transcrever uma conversa, uma entrevista, mesmo programada e articulada e, conseguir um mínimo de isenção. Vou tomar cuidado para não “assumir um *status* de poder sobre os sujeitos da pesquisa, a partir de um *lugar*

cognitivo específico” (GAUTHIER, 2003)⁵⁵, entendendo a necessidade “da escuta sensível” para a relação entrevistador/entrevistado na “produção de sentido”, dos envolvidos... eu e o outro.

Degravando

Combinei com os professores, antes de cada entrevista, que seus nomes e identidades seriam preservadas, e que eles teriam acesso ao texto, a ser enviado para banca para aprovação. O que foi feito com a escolha de pseudônimos

A preservação total da identidade foi difícil uma vez que os trechos forneceria alguma pista do colega entrevistado. Foram retirados nomes das pessoas citadas. Alguns diálogos mais pessoais também estão escondidos entre parênteses. O texto da dissertação, está acompanhado de um CD, com a íntegra das gravações dos cinco professores, para que os componentes da banca possam tirar alguma dúvida ou, quanto não mais, escutar trechos, para ter uma idéia do ambiente das entreconversas.

Poucas Escritas

A ferramenta da carta como “conhecimento indireto” não rendeu muito material, acho que esperei que os escritos municiados pelas cartas, pudessem vir a responder as expectativas com as quais projetei cada imagem... mais concisas por certo.

As escritas das cartas foram escassas, apenas algumas poucas linhas por carta, foram escritas pelos educadores.

Durante as entrevistas, primeiro, expliquei sucintamente minha intenção de pesquisa, expliquei que iria gravar, e que eles teriam acesso ao texto final, para aprovação, antes da publicação.

Iniciei as entrevistas pelas questões (anexo 1), sobre trajetória e atuação. Depois apresentei as doze cartas e pedi para que escolhessem quatro, e escrevessem suas impressões sobre cada uma.

⁵⁵ GAUTHIER, Jaques Zanidê. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisa qualitativas: aporte da sociopoética. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2004, nº 25.

Fiquei junto com eles durante a escrita, e quando me deparei com poucas linhas, fiz perguntas para tentar ampliar e explicar melhor os termos e expressões usadas

Por coincidência as duas professoras, ficaram com a cartas para descrevê-las após a entrevista, me devolvendo após por e-mail.

Com os professores, participei das escritas e, com o pouco volume das palavras escritas, provoqueei mais falas sobre temas e conceitos que me pareceram importantes e significativos.

Uma sombra de frustração me assomou em um primeiro momento, com a escassez dos textos apresentados... mas entendo que apostei muito nas imagens, me dediquei à concepção e confecção das **cartas grafadas**, sem a clareza de que estava tentando achar paralelismos com meu trajeto de educador, e com minhas vivências imagetivamente marcadas.

Mas a reflexão, como as abóboras, foi se acomodando nas minhas sinapses, e percebo que as intenções e expectativas não foram em vão. Se as imagens não provocaram escritas interessantes e ricas em símbolos, como esperava, por outro lado as entrevistas mostraram que o professor que abordo no capítulo da Formação Docente, surge de maneira consistente e bem fundamentada... epifania provocada.

Alguns se mostraram mais fluentes e conscientes da importância da bagagem acumulada, das vivências socializadas e das aprendizagens feitas em cada porto. Falam também da atuação, da profissionalização e das homenagens.

Todos se dizem satisfeitos com a profissão, apesar de todos terem dito mais ou menos isso:

- Nunca me imaginei professor!

Sobre a atuação reafirmam não estarem satisfeitos com e que procuram estar sempre melhorando, como na fala da **Profª Long**:

E com minha atuação eu nunca vou ficar 100% feliz, se estiver sempre sendo feliz eu não tenho mais o que crescer e acho que isso é o final de carreira. Então não estou 100% feliz.

Ajustando o foco da luneta

Com tudo digitado e passado para o papel, descortinaram-se trajetórias parecidas, vivências e experiências, angústias e revelações, dificuldades e alegrias. O clima escolar, o cotidiano da prática, as discussões de temas reincidentes: ensino, educação, aprender, se fazem presentes de forma quase palpável.

Para não cair na mesmice de professor 1, professor 2, etc., optei por nomear meu entrevistados com pseudônimos, inspirado no modelo utilizado pelo professor Piegas em sua dissertação. Como esta pesquisa procura referências simbólicas, usei o nome que representa o signo do horóscopo chinês de cada entrevistado. Nomes curtos e sonoros, típicos da língua chinesa.

Então temos a **professora Long**, do signo do dragão, o **professor Yang**, signo do Carneiro, **professor Zhu**, signo do Porco, o **professor Gou**, signo do cachorro e por fim a **Professora Ji**, signo do Galo.

As coincidências e ressonâncias são várias, mas uma se repetiu em todas as falas, quando relatavam que a profissão professor surge sem projeto ou escolha prévia:

...ai eu achava que não tinha nada a ver comigo o magistério, mas completo engano... (**Profª Long**)

: ... nunca me imaginei professor na minha vida. (**Prof. Yang**)

...nunca pensei, nunca imaginei em ser professor. (**Prof. Zhu**)

- Aí fiz concurso da escola, nunca imaginei na minha vida pensei em ser professora. (**Profª Ji**)

Interessante também como o termo imaginei se repete, afinal esta pesquisa esta balizada pelo campo do Imaginário, imagino.

Outro aspecto marcante foi a referência ao porquê de terem sido homenageados,

...eu tenho sido homenageada todos os semestres, graças a Deus, gosto muito de ser homenageada, porque acho que é um reconhecimento, do nosso trabalho e me sinto muito feliz quando eles convidam e enfim eu acredito que eu seja

homenageada por que sou uma parceira dos meus alunos, eu dou segurança para eles...(Profª Long)

Gosto de ouvir a palavra cumplicidade como potencializadora da relação professor/aluno que aparece nesta outra fala:

...Desde que estou aqui todas as formaturas eu sou chamado... ou paraninfo ou sou homenageado mesmo... cumplicidade, considero muito interessado no sucesso deles, e sou mesmo.
(Prof. Yang)

As falas reiteram a questão do respeito ao aluno e sua singularidade, o rigor, da parceria com as turmas e da contextualização como instrumento potente de agregar significado. A fala da **Profª Ji**, é um exemplo claro:

E eu como aluna no Gonzaga, eu não tinha vontade de perguntar aquilo que eu não sabia quando fui aluna. Pela barreira que eu sentia... Então quando eu fui professora eu quis eliminar essa barreira, isso é uma coisa natural, assim como amizade entendesse? Eu explico, não entendeu explico de novo, vou muito á classe dos alunos ajudar eles, então isso cria uma afinidade, rompe esta barreira entre a gente, faz com que eles se sintam mais a vontade na sala de aula para me perguntar e não levar dúvidas para casa. É uma coisa que eu sempre busquei.

Enquanto ia ouvindo e degravando as entrevistas, já era possível perceber como as falas se reportavam às categorias que foram abordadas no capítulo Categorizando.

A importância da **Formação Continuada**, aparece nas falas tanto na questão da profissionalização do professor, mas especialmente na formação no ambiente da escola, dos estudo e leituras, conversas e debates, e na atualização constante das informações e ainda os contatos com o mundo do trabalho.

A necessidade de aprofundar conhecimentos e métodos, e se defrentar com os desafios didáticos e pedagógicos surgem em vários momentos.

A **Profª Long** recorda:

...comecei a Formação Pedagógica aqui no CEFET, porque eu já tinha na minha cabeça que eu queria muito, é ser professora

pela experiência do CAVG, então eu fui em busca de ser uma professora melhor...

Assim como o **Prof. Zhu**:

Achava que dava aula direitinho, eu sentia aquela coisa mais pedagógica que eu não tinha. Então eu fiz a especialização na Católica em metodologia do ensino [...] fiz a especialização e depois quando teve o primeiro curso de formação pedagógica aí fiz questão de fazer achava que era importante para mim...

Angústias e perspectivas aparecem em outro relato:

...mas eu sempre tinha aquela angústia, eu queria algo mais, não quero ficar só no técnico, é o que eu digo para os meus alunos você não pode ficar só nisso tem de buscar o melhor de ti...(Prof. Gou)

O mesmo professor reforça a necessidade de preparo efetivo para sua atuação:

....agora vou fazer mestrado, nessa área de educação, e me perguntam porque não fazer na área de engenharia. Aí eu digo porque engenheiro já fui, o que eu preciso para tocar qualquer coisa dentro do CEFET, é uma questão só minha, pegar livro e estudar, agora eu sou professor... (Prof. Gou)

A questão da **Reflexão**, que aprofunda conceitos, sobre sua prática, sobre a vida, onde estamos e para onde seguir, aparece em reiteradas vezes nas entrevistas. Alguns se descobrem professores....

...neste sentido, que eles, confiam, não sei, acredito que gostem das minhas aulas, aprenderam bastante acredito também, e assim é um jogo aberto, a nossa relação minha com todos os alunos é aberta, então qualquer coisa que eles tem de me dizer eles me dizem, e qualquer coisa que eu tenha dizer para eles eu digo também, então é uma via de duas mãos, agente consegue, brigar, conversar se entender e fica tudo bem. (Profª Long)

Já o **Prof. Zhu** é direto quando se refere ao porquê de ser professor:

Mas enfim, o que me levou a ser professor foi a vida mais tranqüila, mais mansa... quando eu entrei para escola eu

pensava assim: - Agora eu estou professor, eu sou engenheiro mecânico, mas estou professor não sou professor... depois do curso da Católica, agora eu posso dizer que tenho alguma coisa de professor: - Agora eu já sou professor... tanto é que eu não pago mais o Crea...

A prática e a sala de aula, provocam idéias considerações e lições, como aparece neste trecho:

...Vai ser a Escola, vou ter de encarar, vim peguei as 8 disciplinas, passei um ano estudando que nem um louco, muita coisa você não lembra mais... e uma coisa é você saber para você, é diferente de saber para que os outros saibam também...
...vamos ser colega e vão se formar e vão ser meus colegas, tenho certeza que vão se lembrar muito de mim, das minhas aulas, porque como trabalhei muito tempo, trabalhei vinte anos na área de telecomunicações, tenho muito a informar para eles, não só o técnico, mas o comportamental das pessoas dentro de uma empresa. (Prof. Yang)

O **Prof. Gou** proporcionou relatos reveladores sobre a atividade docente:

...– Eu vou dar aula (he, he, he)... Ah é barbadinha dar aula... não é tão simples dar aula, se fosse tão simples eu acho a educação no Brasil ia ser bem melhor, mas dar aula eu acho, é como eu estava te falando, tem bastante teoria como qualquer engenharia e, tem aquela coisa de instinto, mas tem de saber juntar o instinto com a teoria... senão tu mete os pés pelas mãos... porque tu tens de olhar o aluno...

...senão se eu vou ensinar eletrônica, senão eu estou sendo um reprodutor de conhecimento e não um professor, eu acho que não é por aí, se o “cara” tem uma falha, na área técnica ou na matemática, a gente tem de ajudar ele a solucionar esta parte, para ele continuar o curso de eletrônica, senão... vamos botar computadores aqui, o pessoal busca na internet, e deu para bola...

E finaliza:

...eu acho que tenho que buscar dentro da minha profissão que é professor... melhorar, é o que eu te disse eu não me acho

ainda um professor, um bom professor... eu tenho falhas...

A criatividade surge de maneira mais velada em alguns relatos, a **Profª Long**, se lembra de sua primeira experiência com a docência:

...eu tinha duas opções: eu ficava cumprindo horário sem fazer nada ou inventava alguma coisa para fazer e eu resolvi inventar alguma coisa para fazer...

Já o **Prof. Gou** conta uma trajetória de muita inventividade durante sua infância e juventude, com muitas coincidências com a minha própria...

... eu resolvi criar um grupo de teatro, grupo de teatro Raízes, e aí a gente fez a peça os Caça Fantasmas, e aí bem na época do filme...gente queria fazer uma arma laser, “ô na ignorância”, a gente não sabe que isso não daria para se feito, pelo menos por crianças, tava começando a coisa, a gente tentou de tudo que é jeito, fazer efeitos especiais do teatro, isso me levou a gostar da eletrônica, comecei estudar eletrônica para fazer uma máquina disparasse raios laser...

Ele também fala de como a criatividade é aplicada na sala de aula:

E aí professor posso botar numa bicicleta? Claro que pode [...] tu pega o motor do carro do teu pai tira a ventoinha, e bota na bicicleta e vai funcionar [...] tu mostra para os “caras”... é como se tu ligasse alguma coisa dentro da cabeça deles. Aí eles vêm criar coisas aqui (estávamos em um laboratório com alunos fazendo experiências), eles estão criando em grupo... (**Prof. Gou**)

Nas referências diretas e indiretas ao tema **Compromisso** com a profissão, o professor rigoroso aparece:

...o professor de matemática Professor [...], porque ele sempre foi assim um professor que todos tinham muito medo, eu consegui vencer este medo que todos tinham, e me identificava muito com ele, gostava das aulas, saía bem nas provas que eram muito difíceis...(Profª Long)

...mas uma professora que me mais me marcou, que gostei mesmo, ela é uma pessoa firme, muito boa professora, explicava bem a matéria, foi a professora Maria Mendonça,

explicava bem a matéria essa professora foi dez, até ali eu não gostava de matemática, dali para adiante eu comecei a exercitar, exercitar... claro não tirei notas boas com ela, eu tinha dificuldade... mas eu tinha que estudar... comecei a entender melhor, aí eu fui adiante, essa foi a que marcou melhor, apesar dela ser dura e exigir, gostei muito dela como professora. (**Prof. Zhu**)

A **Profª Ji** é outra que lembra dos professores que eram exigentes:

...gostava do Prof. [...] bem dedicado, era de ciências, biologia, gostava do professor de português aprendi bastante, o A., ele era super rigoroso, ele era brabão, mas eu gostava dele, aprendi com ele, ninguém gostava dele, eu gostava, gostava do jeito dele.

Fiquei bem impressionado com este relato do, onde o compromisso com o ensinar e aprender, de maneira justa, sem as usuais retaliações através de provas e notas, que ainda é prática de vários colegas que se afirmam como educadores:

...na disciplina comando numérico por exemplo, tem o seguinte, é um programa e o programa você tem de saber todo ele, tem a parte do desbaste, acabamento, canal, a rosca né... então você faz prova com desbaste e acabamento, depois a outra prova desbaste e acabamento canal e rosca ... é cumulativa a nota, se na primeira eles saem mal, na segunda eles recuperam a primeira..., eles têm de saber tudo sempre, se sai mal no primeiro período ele sai mal e no segundo sai bem, eu repito a nota do primeiro período... Porquê? Eu não vou somar nota e dividir por dois, ele aprendeu toda a matéria, porque eu vou deixar a nota baixa... meu interesse é que ele aprenda a matéria... Por quê eu vou somar e dividir e por dois? Ele aprendeu a disciplina pronto dei dez! (**Prof. Zhu**)

O **Respeito ao conhecimento dos alunos** e a compreensão de suas singularidades é uma constante nas descrições da atuação destes professores:

... trabalhar, sempre trabalhei legal, de forma legal, sempre muito honesta com os alunos, minha maneira de trabalhar,

aprendi isto no Formação Pedagógica ser o mais sincero possível, ver as dificuldades de cada um e estou aqui hoje.
(**Prof. Yang**)

...eu procuro sempre ajudar eles da melhor maneira possível, não só em sala de aula, eu converso sobre minha vivência na indústria, quais problemas que eles vão ter lá fora, não é só aquilo que eu estou mostrando no conteúdo, é a vivência.... passo outras coisa, tento passar outras coisas de vivencia, talvez seja isso... muitas vezes me gozam : - Ah tu dá muito mole para os alunos eles só tiram nota boa contigo...(Prof. Zhu)

O aluno tem prioridade e é foco do processo de construção do conhecimento para este educador, que se mostra angustiado com a qualidade de sua atividade:

...Continuo aplicando isso a cada dia que passa, tento melhorar e buscar novas formas de passar esse conhecimentos para os alunos, trazendo isso para projeto, fazendo eles trabalharem em cima de pesquisa... trazendo a realidade... mas “tchê”, esta é a função do professor, se o cara não sabe eu tenho de ir ali e ensinar ele...

...porque olha aqui [...] tem uns alunos aqui que são meio problemáticos, eles não conseguem... você tem de explicar um milhão de vezes, então eu acho que o dia que eu conseguir chegar, para um aluno desses, explicar e ele entender eu vou estar satisfeito, mas enquanto eu não conseguir, eu não estou satisfeito. (**Prof. Gou**)

Aqui adentramos nas relações de **Afeto e Prazer** entre o professor e educandos, suas turmas e sua escola...

dentro de sala eu exijo disciplina, exijo horário, mas eu estou com eles sempre, fora do da sala nós somos amigos.

... era uma turma da tarde, se reuniram, preparam uma festa, e me chamaram – Professor tira uma dívida para gente, [...] fui lá ver o que era, cheguei lá era uma verdadeira recepção, salgadinhos, refri, e um quadro, mandaram fazer uma caricatura minha, onde estava escrito: Yang o professor que é

gente! Então quer dizer... mata né! (**Prof. Yang**)

Talvez seja por isso, não sei.. e procuro conversar com eles trocar idéias, ser amigo né, não ser aquele professor fechado... e principalmente quando errar, dizer assim ó errei, te corrigir, eles te corrigem... você tem razão, - beleza por ter me avisado, agora esconder... tem muito professor que não gosta de errar e esconde que errou, ou ensina como coisa errada, para quê?

Oh prof. Obrigado por tudo, gostei muito das suas aulas, aprendi muito com o senhor... Isso ai é gratificante, pra mim é muito gratificante. (**Prof. Zhu**)

...e, também a forma da postura do professor dentro de sala de aula, eles eram muito amigos do aluno, tinham uma amizade com a gente muito grande, te davam a liberdade de expor, não era aquela coisa, de olhar para o lados e já te davam um joelhoço...(Prof. Gou)

E neste lócus o **professor que gosta do que faz**, que sente prazer em estar com seus alunos, se revela de maneira clara e às vezes singela:

...surgiu então o concurso para substituto do CAVG, e foi ótimo porque lá eu encontrei assim o caminho, e o caminho que eu gosto muito... então eu vi que eu podia fazer, que tinha condições, que gostava de fazer aquilo...(Profª Long)

... para mim era um suplício, ter de vir trabalhar e dar aula eu não me aceitava como professor eu era engenheiro, e ... foi passando, foi passando acabou eu acabei gostando da nova profissão. Estou muito feliz, gosto de estar aqui, pra mim é um prazer estar dentro do CEFET...(Prof. Yang)

Olha a minha profissão em si, eu gosto muito de dar aula, gosto da reação que os alunos tem depois de sair(Prof. Zhu)

Eu comecei a perceber que uma tinha alguma coisa ligada a educação, gostava daquilo, comecei a gostar também...

Então juntei a fome com a vontade de comer, o projeto que eu tenho paixão e com minha nova paixão que é dar aula...(Prof. Gou)

A **Contextualização** tem lugar importante, para os professores de uma escola profissionalizante, e as práticas e as experiências são manifestadas nas entreconversas:

...além disso, de verificar o que eu falava na teoria para os meus alunos, verificar na prática, que até então eu só tinha experiência...como Analista de Sistemas, exerci a função de administradora de banco de dados, e que são disciplinas que eu trabalho hoje no curso técnico aqui no CEFET, então eles me deram o embasamento muito bom, para eu trabalhar, o que eu trabalho hoje aqui com as turmas. **Profª Long**

O **Prof. Zhu** explica com espontaneidade como trabalha na oficina de seu curso:

Dou aula teórica e dou prática, prática é: retifica, dou aula de fresagem, fabricação do motor, montagem do motor do aero modelo, modulo 3 e modulo 4, comando numérico computadorizado, parte teórica que eu dou é ligado a parte pratica

A gente vê a parte teórica e depois vai para máquina, trabalho as duas coisas em conjunto.

Outro professor tem idéias parecidas, com este e com os outros interlocutores desta dissertação:

...eu posso pegar toda a bagagem técnica que eu tenho, que eu já apanhei e trazer aquilo direto pros alunos, em sistemas de energia, no break, fonte chaveada, e eu trabalho muito nisso [...] eu já fiz tudo isso, eu trabalho há 14 anos... como funciona, como não funciona, os problemas que têm... como é que se analisa esta placa...então trago isto para eles... isso foi fundamental...

...uma coisa é você ser um professor teórico, e o que você ensina... 90% daquilo não casa com a prática e, outra coisa é trazer a prática e botar a teoria em cima da prática que acho fundamental, senão a gente (o aluno) sai como bobo daqui...

- Sei tudo de eletrônica... e quando ele depara com a primeira placa para fazer manutenção, ou o primeiro problema na frente, não sabe para que lado corre...(Prof. Gou)

Esta análise poderia se defrontar com outros núcleos de significado, e com sub categorias que surgiram, mas na análise das escritas e falas sobre as cartas, vamos encontrar mais pistas nas imagens e nos símbolos que se descortinaram.

Passemos a elas... cartas grafadas e suas rerepresentações.

O baralho de cada um

Na atenta leitura das escritas e audição das vozes dos interlocutores, provocadas pelas imagens, nesta investigação me deparo com uma bifurcação. Explico: Para um dos lados se dirigem as convergências, os textos e subtextos, idéias e representações, símbolos que vão se formalizando nas várias entreconversas. Noutra trilha surge o singular de cada professor, o si mesmo. Nesta seara os símbolos são mais potentes e ousado vislumbrar características subsumidas em seus relatos e narrativas que levam a perceber/sentir um pouco (bem pouco) do universo noturno de cada qual.

Para tanto optei por analisar as cartas escolhidas e as escritas e falas de cada um, de maneira diversa do que fiz na análise das trajetórias. Os professores revelaram aspetos mais pessoais, entreabriram as janelas de seus universos, permitindo vislumbres que estão na gênese desta dissertação.

Meu lado apreciador e pesquisador dos humanos seres, me desafia a contar mais sobre as pontas de iceberg que a luneta, com lentes apropriadas para “visão noturna”, me permitiram ver...

Vou tentar (con)textualizar as impressões que as escritas e mais as falas complementares, deixaram neste arremedo de escriba. Não pensem que possa ser desanimo ou falsa modéstia, mas quanto mais aprofundo e vou chegando ao fim e ao cabo desta dissertação, mais compreendo a dimensão extraordinária desta incumbência ...

A **Profª Long** ficou com as cartas e mandou os textos pela internet.

A carta 10 - Singularidades, evocou a lembrança dos alunos que entram e saem dos cursos:

...e em consequência da minha sala de aula, mas jamais saem da vida da gente. Eu fico marcada por cada um que passa na

minha sala de aula, aprendo com cada um deles e acredito que eu marque a cada um deles também.

Esta “marca” a que ela se refere me reporta ao ato simbólico da benção, de rogar uma graça, de incluir e congregar, de crer em algo, não no sentido da fé dogmática mas em dar significado a um novo conhecimento.

Na carta 9 - Sala de aula, a imagem dos muros derrubados, do espaço além de uma janela aberta para o mundo, que eu interpreto como a janela de duas mãos a que me referi na descrição das cartas (p.65).

Percebam o clima que os estudantes da carta 1 - Estudantes, provocaram na **Profª Long**:

...me sinto muito à vontade em espaços desse tipo. Estudar com outras pessoas é interessante pois é possível discutir, conhecer outros pontos de vista.

Mas é na carta 12 - Sorriso, que a professora apresenta uma epifania na figura da emblemática da borboleta, a transformação e a possibilidade de voar no mundo descrito:

...acredito que a escola é um agente transformador de pessoas e por isso considero o papel do professor tão importante, precisamos ensinar além de conteúdos técnicos, valores pessoais que tornem as pessoas mais do que bons técnicos, mas sim pessoas de caráter, com bons valores, tão necessárias para a sociedade em que vivemos.

O **Prof. Yang** se emociona com o coletivo observado na carta 10 - Singularidades...

...gente jovem, coletividade, felicidade... Coletividade é um ambiente em que todos compartilham, é um compartilhamento de tudo, a gente é cúmplice... cumplicidade,

Ele vai além e amplia o conceito de grupo para o de cumplicidade com os alunos. Este tema, o professor cúmplice, forte e provocador, poderia estar incluído nas categorias que descrevo, pois acordo que conquistar o aluno é uma característica do professor que sente prazer na sua prática.

A carta 7 - Gurias, provoca no **Prof. Yang** a fala de recordações e memórias, mas alia à imagem da coruja e do ancião, a de sabedoria:

Vejo o sábio aqui relatando tudo o que sabe e o imaginário dele, como se fosse ele pensando nesta união pensando em família, o grupo como família.

A carta 9 - Sala de aula, faz um canal de comunicação com o prazer:

Ambiente escolar, compromisso e acima de tudo felicidade e prazer naquilo que se faz, aprender e ensinar... Felicidade no prazer de fazer aquilo que quer fazer.

Mas este prazer carrega consigo o compromisso com a escola:

...aqui é ambiente escolar então eu estou comprometido com este ambiente escolar, comprometido em aprender e a ensinar também...

E com a carta 11 - Sabedoria, a relação entre a criança e Einstein, inocência e genialidade se apresenta, quando ele fala:

Inocência, sabedoria, conhecimento, pureza, percurso de vida...

O **Prof. Zhu** teve atitudes, num primeiro momento, desconcertantes, todavia com calma, um olhar mais sensível e principalmente na escuta atenta das falas, encontro um professor, com um lado noturno intenso e que me pareceu estar às vezes, prestes a emergir...

Ele inicia com a carta 3 - Rebeldia, evocando música como elemento colado ao período da juventude, quando descobre a figura de Che Guevara, fica agitado... a transcrição da fala clareia:

Não eu... por música, a metade... porque esse cara aqui eu tenho nojo... nem me reparei que era Che, agora olhando assim... mais... – Como escreve, Che, não tem o t? Metade do cartão... juventude... metade do cartão não me interessa o Che,

Tento levar para o lado da música e da juventude mas ele continua com a implicância com figura fumando um *puro* cubano:

a música, eu escutava, que me marcou bastante foi.. a dos Beatles, essa parte aqui do Che eu, [...] tem muita gente que usa esse cara na camiseta e não sabe da vida dele, usa o boné e tudo porque era um revolucionário...

Fiquei com a impressão de um professor dividido entre as memórias boas da juventude, música e a rebeldia dos Beatles, e de outro lado a sombra do revolucionário, do proibido, do que não é correto. Penso em algum tipo de culpa, mas aí a análise adentraria em um campo pantanoso e, não me sinto ainda, com “bala na agulha” para tratar deste aspecto que vislumbrei...

Na carta 10 - Singularidades, ele retoma o tema da juventude, agora na perspectiva de grupo

Convivência de distintos grupos a alegria da juventude descobrindo o mundo... todo mundo sorrindo, pessoas de grupos diferentes se juntando num quebra cabeças de convivência eu vejo como se fossem os alunos da gente, eles vêm de diversos segmentos da sociedade

De novo uma figura provocativa, o coringa da carta 10 - Singularidades mexe com o imaginário do **Prof. Zhu**:

aqui o canto do cartão tem um cara no ponto de vista deve ser sei lá algum bode expiatório, algum palhaço da turma, que sempre é deixado de canto né, Ele sofre também, mas acaba se integrando nesse grupo, e fazendo os outros rirem também

Pelas narrativas do tempo de escola e por esta fala, fica a impressão de que ele se sentiu/sentia o palhaço da turma.

Ele faz um belo relato provocado pela imagem da carta 11 - Singularidades...

A gente como criança, eu vendo os filhos crescerem e a gente fica imaginando, o que eles vão ser no futuro tudo pode, tudo tem uma relação, o que a gente vai deixar para eles o planeta... ... as crianças dão de dez a zero na gente. Dão um nó na gente, então... a criança e o gênio, eu já vejo muita criança nascendo gênio, já pela informação.. e a relação de tudo isso com o mundo com a a natureza acho bacana este me marcou essa parte aí. Foi que eu imaginei.

Esta relação entre o novo – a inocência – e o que pode vir a ser criado, eram as minhas idéias ao criar esta carta.

A carta 5 - Mágico, também é lida pela metade, com o foco na Monalisa que remete a genialidade de Da Vinci:

Da genialidade e do grande artista... e para mim ele foi o artista mais completo que teve, não só na parte de desenho, como na parte de criação também, um cara muito criativo...

Mas de novo percebo um piscar para o lado mais obscuro e quem sabe ainda por vir a luz:

...apesar de todo mundo falar que ele era gay, sei lá... são coisas que aparecem, eu não entendi essa parte do engolidor de fogo... não diz respeito não me chamou atenção...

Este professor Foi um dos que mais me impressionou. Não o conhecia e agora vejo que fica muito ainda por conhecer. Uma personalidade forte acomodada em uma casca frágil, contudo, penso subsumida nas falas e escritas.

O **Prof. Gou** se apresentou entusiasmado. Escreveu pouco, mas foi prolixo nas falas... reveladoras, contundentes e repletas de emoção. Um professor que acredita no que fala e não tem medo de falar o que pensa, o que convenhamos, não é muito comum.

Na carta 10 - Singularidades, que todos escolheram, ele reafirma sua posição em respeito ao saberes dos alunos:

...cada aluno é diferente então tu tem que juntar e juntar as coisas para saber que forme o mosaico certinho, porque se eu não puder analisar cada aluno enxergar, como ele pensa e como é que ele trabalha, eu não vou conseguir ensinar eles...

A leitura da carta 9 - Sala de aula, me surpreende, pois esperava algo sobre as possibilidades de uma sala de aula, mas ele se aprofunda num discurso crítico e preocupado com o futuro...

Eu vejo a nível de educação a coisa esta cada vez pior, o professor é tratado como vagabundo que só quer fazer greve, os alunos são tratados como bando de vagabundos que não querem nada. Acho que está uma briga entre aluno e professor e governo... no final das contas vai liquidar com tudo, a educação no meu ponto de vista é a palavra chave.

que é o que muito a gente vê nesse país, tudo que a mídia fala é verdade, e não é, eu acho que é uma falta de educação, uma falta de cultura é uma falta de tudo... e se as salas de aula se começarem a ficar vazias do jeito que está aqui, não só no CEFET, mas aonde a gente vê aí eles estão querendo produção em massa formar sem ensinar...

A viagem simbólica deste professor é estimulada pela guerreira alada da carta 4 - Temperança...

Esperança... Devo ser como um guerreiro para mudar a minha realidade em volta. Defendendo e ajudando aos que me rodeiam. Não me vejo como guerreiro, mas eu gostaria de ser entende?

Sua fixação pela idade média, reservatório de mitos e lendas, fonte onde muito bebi, é reforçada nesta fala:

...eu gostaria, fora que eu sou maníaco por idade média, espada, essa carta me chamou a atenção, fiz meu primeiro arco e flecha com 11 anos de idade.

O **Prof. Gou** se esparrama na carta 11 - Sabeoria, e mostra, sem remorsos ou pudores, seu lado infantil que o mantém conectado com a criação e no acreditar e apostar no imponderável...

Einstein é o maior criança que já existiu no planeta e ele conseguiu atingir estas coisa porque ele era infantil, ele enxergou coisa que os adultos, não enxergam, eu acho que a genialidade está na infância, ... o que tu gostava de fazer quando era pequeno, ... eu adorava inventar, adorava brincar, eu adorava inventar, fazer arco e flecha, trago isso para mim hoje, eu gostava de fazer aquelas coisa então

Mais ainda...

Se você fizer uma análise dos grandes inventores, todos tinham uma certa criança, acreditavam naquilo... imagina se o cara não acreditasse que poderia ir para lua ... botei como primeira pois isso é fundamental. Se eu acredito que eu posso eu acho que eu faço, se o cara não acreditar nele, não acreditar que ele possa fazer, acabou.

Fiquei deveras impressionado com a maneira como este educador encadeia diversos núcleos de sentido... sua profissão, suas idéias, seus conhecimentos, com suas histórias, sonhos e devaneios. Ele finaliza ainda com uma percepção que tinha ficado pendente na entrevista: o porquê de ter sido homenageado, arrematando:

...acho que a gente tem levar isso a vida inteira como professor, buscar dentro dos alunos isso, puxar deles para fora, dizer que eles também pode fazer. Acho que tudo isso que eu falei, essa miscelânea aí, faz com que eu seja homenageado.

E ainda temos a **Profª Ji**, ela também enviou os escritos pela internet, Vou reproduzir aqui tudo que ela escreveu provocada pelas quatro cartas escolhidas:

Carta 1 - Estudantes

Representa a união na busca do aprendizado. Um grupo de estudos onde um auxilia o outro. A importância do grupo como um todo, a coletividade, a convivência, a divisão, união. A preparação para o futuro, seja ele em qualquer aspecto.

Carta 10 - Singularidades

Passou-me a idéia de grupo, coletividade, a peça que faltava para estarmos juntos, vivermos juntos, dividirmos nossas diferenças, emoções. A união como parte do crescimento coletivo e principalmente individual.

Carta 11 - Sabedoria

A imagem passa a idéia do jovem que sente prazer no aprendizado. A sala de aula como foco de crescimento, da real vontade em aprender, um local onde a pessoa se sente bem, trazendo aprendizado, alegria, bem estar.

Carta 12 - Sorriso

Meu canto, meu espaço. O local onde desenvolvo minhas atividades, meus conhecimentos, aprendizado, minhas escritas. A identificação com meus sentimentos, meu bem-estar. O aprendizado como fonte de prazer.

As coincidências destes escritos, com que estou buscando nesta dissertação, são interessantes e alentadores...

A síntese, capacidade que cada vez mais percebo, não é a minha praia, mas a **Profª Ji**, com sua concisão, trouxe minhas expectativas para um outro patamar. Acho que passo muito tempo no “castelo da proa”⁵⁶, e bem que poderia dar uns passeios de bote para variar... passar a mão na água... enxergar o horizonte do ponto de vista de minha humana estatura.

Pois é aí que me refiro, todo o empenho para este trabalho, desemboca no simples e no cotidiano, no humano por certo. O prazer de dar aula, a direção anotada na carta de navegação, responde presente na chamada dos professores que escolhi. Nas conversas e impressões, nas idéias e concepções, na atuação comprometida, e também nas representações imagéticas, nos símbolos revelados e sub revelados, sobretudo na emoção que eles, cada um de sua maneira, passaram a este professor, que sem nenhuma vergonha, **gosta intensamente do que faz.**

⁵⁶ Sou do signo de dragão no horóscopo chinês: “Os nascidos sob o signo do Dragão estão de olho no futuro. Inquietos, rejeitam a rotina e assumem uma postura de aventureiros e desbravadores, jamais de intimidando com obstáculos ou com empecilhos.” (trecho de uma das muitas interpretações encontradas na internet)

FINALIZADO E INCONCLUINDO

Aqui e agora

Quando do início da aventura de pesquisar meus pares, confesso, que mesmo sem partir de uma hipótese ou idéia prévia, tinha algumas expectativas.

Uma delas era a de poder partilhar e desvendar histórias e imagens que tivessem alguma congruência com meu histórico, descrito nos primeiros capítulos. Imaginava algo assim como aquelas conversas boas que às vezes somos agraciados... o interlocutor fala da mesma época, dos autores ou artistas, de livros músicas ou filmes que você também gosta... Mas aqui estou diante de uma escrita acadêmica. Então, no meio da pesquisa, quando percebi que as escritas provocadas pelas imagens das cartas, não apresentavam a intensidade que esperava, confesso ter sentido uma ponta de frustração.

Mas olhando de um outro viés, sem a restrição de probabilidades, fiquei muito bem impressionado com as narrativas. Quase todas fartas e eloqüentes, em alguns momentos apaixonadas e em outros mais reflexivas e cautelosas.

As imagens que estava procurando se apresentaram em outro *lôcus*, diverso do meu próprio, estavam ali nas vozes, nas explicações, nas palavras ditas, nas divagações e nos silêncios. Professores têm uma ferramenta poderosa que é a expressão oral, a capacidade de se comunicar falando... no nosso caso específico, conseguir que adolescentes irrequietos, fiquem atentos e motivados.

As narrativas e as imagens “falaram” de infância como princípio de genialidade; de dedicação e auto-formação constante; do gostar do seu saber fazer, antes e depois de ser professor, e acredito que por isso **sentir prazer na sua atuação como educador**.

O respeito, a cumplicidade e afeto, foi outro “arcano” que pude observar neste grupo de colegas. A importância da convivência e integração e, a atenção às singularidades dos alunos foram outras determinantes para a concepção do trabalho docente, visibilizadas na apresentação da carta que todos escolheram a carta 10 - Singularidades, a do quebra cabeças.

No imaginário dos cinco professores, aparecem figuras, símbolos e idéias que estão conectadas de forma indelével no seu trabalho, na atuação de cada um. Eles expressaram, escrita e fala, seus sentimentos e impressões sobre temas diversos. **Horizontes abertos, evolução e criação** se mesclaram com **desejo, prazer e culpa**. O **caos e a morte**, andaram juntos com a **sabedoria e ao auto conhecimento**. A **fantasia do guerreiro e sua espada** evocavam o **acreditar no impossível**. O **bufão** que se sente pouco a vontade faz contraste com a **borboleta** representando a transformação.

Esta transformação me remete a um dos pontos cardeais desta travessia: os professores homenageados. O tema é polêmico e sofreu alguns questionamentos pelos meus pares do GEPIEM. Todavia pude compartilhar de sensações e vivências, que me ajudam a entender melhor o porquê deles terem sido homenageados pelos alunos e por via de consequência, eu também ter sido.

Parece-me que respeito, autenticidade e coerência e compromisso, são características que os alunos levam em conta quando se reúnem para eleger os professores que subirão no palco da formatura. Repito que esta conclusão é compartilhada com os colegas entrevistados e que, não tenho intenção de generalizá-la para outros níveis e de outras instituições de ensino.

Ao me defrentar com trajetórias outras, entendo que estava procurando semelhanças e analogias, com meu universo simbólico, meus sonhos e insônias, desafios e batalhas previstas...

Volto ao mote inicial: **imagens que balizaram o professor que gosta do que faz**. São as descritas e relatadas por eles professores, não fui atrás e não encontrei imagens determinadas, coincidências e algum tipo de padrão imagético. As singularidades de suas **trajetórias e representações**, reafirmam a condição humana e sensível que nos instaura.

Ao provocar este diálogo entre o interno e externo de cada entrevistado, encontrei sincronia nas histórias e memórias. Mergulhei, na profundidade que cada um permitiu, em reservatórios onde amizade, respeito, afeto, cumplicidade e prazer se moviam com a fluidez desafetada.

Neste reservatório não me foi dado enxergar alguém totalmente fora dele (exógeno) ou submerso (endógeno), o movimento dessas duas instâncias,

me mostrou contínuo. Às vezes o professor se mostrava quase todo, de frente, diurno. Em outras se revelava algo do seu lado noturno. O deslocamento entre esta duas esferas, interior e exterior, é onde entendo e me aproprio das representações dos imaginário, do simbólico e do que pode (ou não) ser desvelado. A complementação, como o Yin e o Yang⁵⁷, é fundante para que compreenda como nos instauramos, como humanos, como pessoas... como professores!

E aí encontro com o educador que está inserido em seu contexto, sem deixar se tolher por seus limites, consciente do que sabe e do que faz e que, em sua essência sente prazer em sua atuação.

Espero ter conseguido, nestes escritos e pensamentos, ter sido capaz de apresentar o que vi o que escutei e o que senti. E que as metáforas que usei tenham ajudado a explicar/contar os contatos que fiz como os modelos interiorizados de cada um.

Mesmo achando, ou melhor, percebendo, algumas trilhas e atalhos convergentes, vejo que meu reservatório tem outros matriciamentos... motor abastecido na cidade grande, receitas adquiridas com grandes mestres, e uma juventude fértil e produtiva. Criatividade e loucura são bases para meu saber ser, saber fazer e agora, cada vez mais, saber ensinar.

A escrita dos capítulos iniciais me fez lembrar recordar e reviver a importância/fundância da imagens no meu cotidiano diurno e noturno, no meu modo de entender o mundo e de inserir/mergulhar nos projetos que propus ou que foram propostos.

Janela aberta para símbolos (re)apresentados... epifanias de memórias engavetadas... Desenhos, rabiscos e esboços extraídos do grafite que marca o papel... que balizam e ilustram meus escritos, subscrevendo ou sobrevoando a rota de minha jornada.

Esta consciência também, me faz aprender olhar o outro... meus colegas pesquisados, agora companheiros de viagem.

⁵⁷ Yin Yang é na Filosofia Chinesa uma representação do princípio da dualidade de Yin e Yang. Segundo este princípio, duas forças complementares compõem tudo que existe, e do equilíbrio dinâmico entre elas surge todo movimento e mutação

Tornando possíveis outras dimensões e instâncias, desta caminhada de compreender e investigar meus colegas e por via de consequência, refletir sobre minhas práticas e idéias que tenho trazido para minhas aulas.

O olhar crítico e sensibilizado para outras histórias, o escrever e refletir sobre minha vida, poder referenciar minhas idéias e concepções, moldam o professor que sou, um outro professor que, reafirmo, **gosta do que faz**.

O porto já está a pouca amarras de distância, mas isso não significa uma conclusão com cheiro de relatório, com ponto final, carimbo e assinatura... Não é o caso.

Estes últimos escritos revelam, descortinam e antecipam um reinício, do tipo renascer... sabem do que falo?

Abrir uma nova janela, ou melhor ainda, a satisfação de preparar a bagagem para outra jornada, de percursos outros e de portos onde se possa comer um prato típico, acompanhado de uma bebida forte local, rodeado por moradores, trocando velhas histórias.

Metáforas à bordo, esta nova viagem já está em curso, meu barco é o de professor cada vez mais consciente de si mesmo e das possibilidades que se apresentam... defrentando brisas e vendavais de cada sala de aula, de cada turma de cada conteúdo. Mas principalmente atracando com prazer no porto que cada aluno representa!

Por fim melhor, por início, fico com a beleza da resposta das crianças quando cantam... ***viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...***

REFERENCIAL & MANACIAL

Tripulação

Para esta jornada escolhi vários autores, uns mais próximos, outros mais herméticos e de outras realidades. Aqui estão os citados nesta dissertação, todavia existe toda uma biblioteca que me acompanha na memória e no coração e, que faz aparições freqüentes, nas insônias e nas idéias, nas conversas e nas aulas.

ALVES, Rubem, in BRANDÃO, Carlos R. (org.), **O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ALVES, Rubem e DIMENSTEIN, Gilberto. **Fomos Maus Alunos**. São Paulo: Papirus, 2003. 128p.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

_____. *O Ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

BRETON, André. **Manifesto do Surrealismo**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf>. Acesso em: 06 Nov. 2007

CUNHA, Maria Isabel, **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus Editora, 1989. 182 p.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993. 113 p.

FISCHLER, Claude. **El hominovoro. El gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagram, 1995.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 43.

GADOTTI, MOACIR. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo: Perspectiva, v. 14, n. 2, 2000.

GAUTHIER, Clermont; MARTINEAU, Stéphane. **Images of seduction at Pedagogy. "Seduction as a professional strategy"**. Educ. Soc, Campinas, v. 20, n. 66, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 18 Ago. 2007.

GADOTTI, MOACIR. **A Boniteza de um sonho: Ensinar - e - Aprender com Sentido**. Curitiba: Positivo, 2005, 80p.

HORTA, Nina. **Não é sopa, crônicas e receitas de comida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 369p.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**, São Paulo: Clube do Livro, sem data.

JOSSO, Marie-Christine. (1987). **Da Formação do Sujeito ao Sujeito da Formação**. In Nóvoa, A. & Finger, M. (1988), **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional.

_____. – **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. São Paulo: Nova Fronteira, 2003, 360p. Prefácio do livro escrito em 1957

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade: Um Princípio de Conexões Acausais**. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

SCHÖN, Donald A. in NÓVOA, Antonio. (Org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 199 158p.

MACHADO DA SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário, de**. Porto Alegre: Sulina, 2003, 211p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONTECITOS, Sonia. **La olla deleitosa, cozinhas mestizas de Chile**. Santiago: Catalonia, 2005, 210p.

MORAN, Edgar. **Novos desafios para o professor**. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafios.htm>> - acessado em 08/09/2006

NÓVOA, Antonio. (1991). **Concepções e práticas de formação contínua de professores**. In: Formação Contínua de Professores: realidades e perspectivas. Aveiro. Universidade de Aveiro, 1991.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Iberoamericana, 1967.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor**. São Paulo: PUCSP, 1996. 298p. (Tese de Doutorado).

PERES, Lucia Maria Vaz. **Dos Saberes Pessoais à Visibilidade de uma Pedagogia Simbólica**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: 1999, 158 p.

_____, Lucia Maria Vaz, **Os caminhos e Desassossegos no Tornar-se Professor**. In OLIVEIRA, Valeska Fortes (org.), **Narrativas e saberes docentes**. Ijuí, Ed. Ijuí, 2006, 190 p.

PIEGAS, Acevesmoreno Flores. "**Cenas do Palco Invisível**", Dissertação de Mestrado, orientação da Prof^a Dra. Lúcia Maria Peres, Pelotas 2005, 106 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 7^a.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 325 p.

VASCONCELLOS, Luiz Kawall. **Homem de Pelotas na Cozinha**. Pelotas: Mundial, 1995. 140 p.

VASCONCELLOS, Luiz Kawall. **Gastronomia no Diário Popular**. Pelotas: Armázem Literário, 2003, 170p.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. . **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987, 157 p.

ANEXO 1

Prof. _____ data _____

Entrevista

A – O que te levou a ser Professor? Como, quando e onde.

B - Estas satisfeito com tua profissão e atuação?

C - Por que achas que os alunos te homenagearam?

ANEXO 2

**CD – Rom com gravação das entrevistas e reprodução das
“Cartas Grafadas”**